

Universidade Federal de Juiz de F
Faculdade de Letras
Programa de Pós-graduação em Letras: Estu

Gláucia Martini da Silva

Construção social, performance de gênero, ang
uma análise do existir feminino no mundo atrav
personagens de Clarice Lispecto

Universidade Federal de Juiz de Fora
Faculdade de Letras
Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos de Linguagem

Gláucia Martini da Silva

Construção social, performance de gênero, angústia e desejo:
uma análise do existir feminino no mundo através das
personagens de Clarice Lispector

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-graduação em Letras
na área de concentração em Estudos de Linguagem
e Representação Cultural da Faculdade de
Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora
Fora como requisito para a obtenção
do título de Mestre em Letras

Ficha catalográfica elaborada através do programa
automática da Biblioteca Universitária da
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Martini da Silva, Gláucia.
Construção social, performance de gênero, and

Gláucia Martini da Silva

Construção social, performance de gênero, angústia e epifania: uma análise do existencialismo em alguns personagens de Clarice Lispector

Dissertação
Letras: Estudos
Fora como re
Letras. Área
Representaç

Aprovada em 4 de outubro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Júlia Simone Ferreira - Orientadora

Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Prisca Rita Agustoni de Almeida P

Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves

Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Tatiana Franca Rodrigues Zanira

Universidade Federal de Jataí

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a todas as mulheres que existiram e existem plenamente como ser humano: mulheres que dedicaram suas vidas à luta pelo direito ao voto, ao trabalho, ao acesso à educação, ao divórcio, aos métodos contraceptivos, e tantos outros direitos que foram a elas desconhecidos e desconhecidas.

Agradeço também às mulheres que me criaram, minha mãe, Ercília (*in memoriam*), que batalharam dia após dia para garantir meu bem-estar, conforto, segurança, escola, carinho, lazer, e me permitiram ser quem eu sou.

Agradeço a todas as professoras que tive ao longo da vida. Seus conhecimentos, os conteúdos escolares, inspiraram minha escolha profissional e a minha paixão pela educação que se muda o mundo.

Agradeço às autoras, não só aquelas cujos trabalhos foram a base desta dissertação, mas todas que, à sua maneira, abriram os olhos e me permitiram que eu pudesse me formar uma pensadora e autora.

Agradeço a todas as mulheres que participam da política e lutam diariamente pelos nossos direitos civis.

Agradeço ao Presidente Luiz Inácio Lula da Silva e à sua administração por ampliarem o acesso às universidades públicas e, assim, permitirem que os filhos da classe trabalhadora pudessem estudar.

Agradeço à Universidade Federal de Juiz de Fora, à Faculdade de Educação e ao Departamento de Pedagogia.

RESUMO

Em uma sociedade generificada, a imposição das performances como um forte instrumento de cerceamento das liberdades fundamentada pelas esferas políticas, midiáticas e sociais, indivíduos nascidos sob o sexo biológico feminino que, importância de suas existências associada e limitada aos papéis de esposas. Este trabalho busca traçar um panorama, a partir da terceira década do século XX e XXI, da participação das mulheres na sociedade e o impacto das performances de gênero tem sobre elas. Propõe-se também a análise de duas personagens de Clarice Lispector: Ana, do conto *A paixão segundo G.H.*, buscando entender se a imposição das performances relacionadas às crises existenciais e de identidade que ambas as

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Literatura de autoria feminina; Amor; *A paixão segundo G.H.*

ABSTRACT

In a gendered society, the imposition of gender performance is an instrument for restricting individual freedoms. This imposition, in family and social spheres, has its greatest impact on individuals born in the 20th and 21st centuries, who often find the significance of their existence associated with the roles of mothers, housewives, and wives. This work aims to outline the theoretical framework from the 20th and 21st centuries, of women's participation in society, and how that the imposition of gender performances has on them. The research obtained information to the analysis of two characters by Clarice Lispector: the short story "Amor" and G.H. from the novel *A paixão segundo G.H.* The goal is to determine whether the imposition of feminine roles is related to the experiences and feelings experienced by both characters.

Key words: Brazilian Literature; Female Authorship Literature; Clarice Lispector; *paixão segundo G.H.*

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	
1 GÊNERO - UMA DAS INVENÇÕES HUMANAS MAIS BEM	
1.1 A BINARIDADE E A IMPOSIÇÃO DAS PERFORMAN	
FORMAÇÃO SOCIAL DAS MULHERES.....	
1.1.1 A FORMAÇÃO FAMILIAR E SOCIAL.....	
1.1.2 VIOLÊNCIA - SUBSTANTIVO FEMININO.....	
1.1.3 BELA, RECATADA E DO LAR - O PAPEL DA MÍ	
FEMININA.....	
1.2 SANTA, PUTA OU BRUXA - AS MULHERES NA HIS	
1.2.1 MULHER, GÊNERO E SEXUALIDADE.....	
1.2.2 UM MUNDO FEITO POR HOMENS E PARA HO	
2 CLARICE.....	
2.1 A ESCRITA DE CLARICE LISPECTOR.....	
2.1.1 A PARÓDIA, A EPIFANIA E A FILOSOFIA.....	
2.1.2 A REPRESENTAÇÃO DA VIDA REAL.....	
3 AS MULHERES DE CLARICE LISPECTOR.....	
3.1 ANA.....	
3.2 G.H.....	
4 CONCLUSÃO.....	
ANEXOS.....	
REFERÊNCIAS.....	

INTRODUÇÃO

“Existirm

Inconformidade. Essa é a primeira motivação da escrita tecnológica, científica e das comunicações que vêm acontecendo em contato, diariamente, com o exterior de nossa zona de conforto. Desde que a humanidade tivemos tanto acesso à informação e a forma de educarmos quanto agora.

Vemos o mundo acontecendo em tempo real, os camuflagens se apresentam perante nossos olhos e conseguimos, através da ciência, prever o futuro. Mas, ainda que haja a possibilidade de, com tanta informação, tornarmos conscientes do nosso grande entorno e encarar as consequências, mantemos ainda muito da nossa formação sócio-cultural baseada em discursos de ódio instrumentalizados como ferramentas de poder. Os discursos radicais em nossa cultura e naturalizados no nosso imaginário. Hoje, assistimos o número absurdo e crescente de violência, de discriminação de gênero, raça e classe e, geralmente, nos conformamos com o absurdo.

Muito deve ainda ser discutido e compreendido sobre a

As estruturas da sociedade civil - a esfera política, judiciais e religiosas - vêm atuando em conjunto ao longo da história, moldando valores sociais e morais no imaginário coletivo através, por exemplo, da exclusão de leis, do tipo de informação que cada grupo social recebe e de qual essa informação será entregue, de quais partes do discurso religioso são privilegiadas e quais são excluídas do diálogo. Esses valores e discursos são privilegiados e adestrados para atender as necessidades da classe dominante, a parte das riquezas do mundo. A dominação é tão radical e sutil que a faz invisível a olhos desatentos.

A mídia tradicional, por exemplo, contribui, desde a escolha dos horários de exibição até a manipulação linguística na entrega da notícia, com a manutenção de discursos que mantêm a disparidade social. A linguista Leticia Sallorenzo, autora do livro *Gramática da manipulação: como trabalham as manchetes em tempos de eleições (e em outros contextos)*, fez uma análise concedida ao programa 'Bom para todos', da Rede TV, sobre a manipulação linguística de duas capas da revista IstoÉ, a capa de novembro de 2018 (ANEXO 1), portando a presidenta Dilma Rousseff na época, e a capa de novembro de 2019 (ANEXO 2), portando o então presidente Jair Bolsonaro em uma das crises de seu governo. Sallorenzo analisa que os discursos apresentados nas capas das revistas sustentam estereótipos negativos sobre a incapacidade de equilíbrio, racionalização e liderança das mulheres.

Além das fotos escolhidas para estamparem as capas e

seja, Dilma, adjetivada como incapaz e sem condições de pe inocente e foi presidenta do Novo Banco de Desenvolvim como banco do BRICS durante o ano de 2023; já Bolsonaro desajustado, “um ‘leão’ fora de controle”, como descreve responder por crimes contra a humanidade, dentre eles o de ge

A manutenção desse tipo de discurso misógino pode vir maneiras, inclusive em baixa participação de mulheres na pol nas esferas de poder e liderança.

O relatório “Estatísticas de gênero: indicadores sociais IBGE, publicado, a primeira edição em 2018 e a segunda somente 10,5% dos cargos de parlamentares de câmaras baixa ocupados por mulheres em 2017 (IBGE, 2018); em 2019, es (IBGE, 2021). Apesar do aumento, o Brasil se encontrava n 190 países e em último, se comparado somente a países da A comparação, o Afeganistão, país reconhecido internacional tange os direitos femininos, tinha 27,7% de seus cargos de de no ano de 2017; no mundo, eram 23,6% (IBGE, 2018). Apes em igualar a balança de poder, no mundo, mulheres têm aper os homens têm, de acordo com relatório “Situação da Populaçã

De acordo com relatório publicado pelo Institute for V Universidade de Georgetown, em 2021, o Brasil estava na 80 Peace and Security Index”², índice que usa a inclusão e as r

mulheres, somente 54,6% daquelas com filhos menores de 3 anos estavam presentes no mercado de trabalho; entre as que não possuem filhos, 67,2% estavam inscrites no mercado de trabalho. Entre homens, em ambos os casos, suas participações eram em menor medida. Entre as mulheres, e aqueles com filhos estavam ainda mais presentes no mercado de trabalho do que aqueles sem filhos (83,4%).

Se o recorte feito abranger, além do gênero, raça, a desigualdade de gênero demonstra o relatório (IBGE, 2021): mulheres pretas ou pardas têm menor participação no mercado de trabalho formal, aquelas com filhos menores de 3 anos têm menor que 50%, e as sem filhos, taxa de 63%, e é também maior a dedicação a trabalhos não remunerados de serviço e cuidado doméstico. Comparativamente, mulheres brancas com filhos tiveram taxa de participação de 72,8% e dedicam 20,7 horas semanais a trabalhos domésticos.

A participação desigual no mercado de trabalho e na economia afeta também o acúmulo de riqueza de mulheres, favorecendo a desigualdade. Mulheres tendem a acumular menos propriedade, tem salários menores e trabalham menos horas no mercado formal, dedicam mais tempo ao trabalho não remunerado. O “Índice de feminidade da pobreza”, desenvolvido pelo Observatório de Gênero da América Latina e do Caribe da ONU, em 2019, mede a condição de pobreza da população de 20 a 59 anos, para cada 100 homens pobres, há 130 mulheres em condição de pobreza (OBSERVATÓRIO, 2019). A feminização da pobreza e a falta de independência econômica põe mulheres, principalmente as negras, em situação de extrema vulnerabilidade social e as fazem vítimas fáceis de abusos.

na sociedade, como apresentado, mas também em todas as áreas de participação na formação cultural, artística, intelectual, no desenvolvimento de medicamentos, equipamentos de segurança, etc, como demonstrado por Caroline Criado Perez, em seu livro *Mulheres invisíveis: o viés dos dados* (2019), publicado em 2019, em inglês, e em 2022, traduzido para o português. Nesse trabalho uma ampla compilação de dados que mostram a presença das mulheres na sociedade e discute e analisa, a partir desses dados, a “ausência” das mulheres na história da humanidade. A neutralidade do humano, segundo a autora, é masculina e só o feminino é gênero.

Há muito o que se debater sobre gênero no campo da comunicação mercadológica. Esse trabalho busca dialogar com diversas análises, estruturando uma visão ampla e interseccional da condição da mulher. Partindo desse ponto, analisar personagens literárias de Clarice Lispector, “Amor”, integrante do livro *Laços de família* (2013), e G.H. de *G.H.* (2009). Para fundamentar a discussão sobre a performance de gênero - os papéis sociais, comportamentos e o modo de viver adotado - contará com os trabalhos de autoras como Simone de Beauvoir, Judith Butler, Maria Lugones, Caroline Criado Perez, entre outras pensadoras.

Clarice Lispector é uma das mais versáteis autoras brasileiras. Ela nasceu para o Brasil bem nova, aos dois meses de idade, com sua família refugiada da perseguição aos judeus que acontecia na Europa no começo do século XX. Brasileira, Clarice se declarava brasileira e pernambucana. Y

Muitas de suas personagens, mulheres carregadas de conflitos em diferentes lugares no mundo, deparam-se com a fragilidade de sua condição, a instabilidade e percebem a individualidade que abandonaram por onde elas fossem, questionam quem são, quais papéis ocupam no mundo, seus prazeres e seus limites, inspiradas pelos mais inusitados contextos.

Clarice foi uma mulher real em um mundo real. Foi valente e não permitiu ocupar os espaços que queria, mesmo quando nesse mundo estudou, um evento raro para mulheres de sua geração, fora predominantemente masculina, mas interessou-se mais pelo jornalismo. Trabalhou desde jovem, casou-se, foi mãe, divorciou-se, viver a vida do marido - Clarice foi casada com um diplomata, e seu marido, precisou se mudar de cidade, e mesmo de país, a condição casada, condição que, eventualmente, não lhe satisfazia mais como escritora -, e, principalmente, escreveu a vida inteira. Confrontou seus leitores com sua obra, deixando o caótico questionamento dos imaginários, porém, foi breve e morreu jovem, aos 56 anos, e a doença que se espalhara.

Ao se falar de mulheres, da condição feminina no mundo, nos gêneros não se pode deixar de mencionar Simone de Beauvoir e seu *segundo sexo* (2019), publicado pela primeira vez em 1949, que influenciou a percepção da condição feminina na sociedade: o

quo: escolhas sociais, políticas e culturais foram - e vêm - longo da história e algumas foram repetidas com tamanha ass admitidas como o padrão a ser reproduzido. Escolhemos to tomamos, com a forma que reagimos, com as coisas que ac nossos discursos, compactuar ou não com o hegemônico. sobreviver ao presente, construindo a cultura e a sociedade opressões, portanto, é também uma escolha que fazemos ac oprimidos - como agentes sociais que somos, construímos opressões são admissíveis e toleráveis, ainda que essas n individual.

Certamente a discussão aqui não pretende, de maneira a violência e colocá-las na posição cruel de se assumirem n sofreram. As escolhas aqui são essas já ditas coletiva inconscientes que toma-se como sociedade ao silenciar, m sofrimentos, as vivências e as experiências alheias; ou qua sociais impostas sem qualquer questionamento; ou ainda qua partir dos estereótipos construídos em torno do grupo ao qual construções, que se insiste em compreender como caracterís foram estabelecidas e mantidas com o intuito de privileg população que tem estado no poder há tempos: homens, geralm

As performances fazem parte de projetos de sociedad grupo a que “se pertence” significa ser um instrumento de a

menino e menina. Essa binaridade de gênero é acompanhada pelo masculino e, portanto, permitido somente às pessoas biologicamente masculinas e o que é feminino, reservado às pessoas nascidas como mulheres.

Somos então ensinados os comportamentos, atividades e papéis de cada gênero e, sob risco de punição física em caso de descumprimento, incorporamos a performance. Essas performances vêm sendo ensinadas há tanto tempo e com tamanha eficácia que as mulheres passam a ser como sendo essenciais aos indivíduos. É comum escutar frases como comportamento equivocado de homens frases como “homens não devem fazer isso” para justificar os conflitos entre homens e mulheres, ouvir coisas como “mulheres de Vênus”, como se a incompatibilidade e os conflitos existissem porque somos essencialmente diferentes e com papéis diferentes porque as relações humanas são relações de poder, hierarquia e autoridade, uma organização social específica.

As teorias filosóficas das duas autoras, Butler e Foucault, são fundamentais nessa análise: sendo o gênero uma construção social, a reprodução coletiva as responsáveis pelo estabelecimento das normas de identidade, percebe-se o caráter existencialista da discussão. O gênero como masculino e feminino a partir das escolhas que nossa sociedade faz sobre o assunto e internalizamos como verdade absoluta da existência. O gênero não passa de escolhas culturais fomentadas por decisões e projetos.

A opressão contra as mulheres vem sendo insistentemente

alimentação, saúde, subsistência, vestimentas, prole, etc. remunerado, essencial para a manutenção do capitalismo, feminino e delegado como obrigação das mulheres.

Mas para que o capitalismo fosse capaz de exercer tais mecanismos foi essencial a contribuição das estruturas de poder - o governo e a Igreja. Ambas as instituições participaram imprescindivelmente na execução desse sistema patriarcal, machista e misógino que se sustentou através da implementação dos interesses econômicos em suas ações. O Estado atuou diretamente na restrição das liberdades sociais e econômicas, na apropriação de terras, perseguição a atividades executadas por mulheres, entre outras práticas, enquanto a Igreja, através de seus discursos e imaginário, usando a fé e o temor a deus como instrumentos.

A potente produção dessas autoras, Beauvoir, Butler e outros, e os pensamentos de outras autoras constroem a base argumentativa para todas essas vozes, escuta-se um ressoar comum: a existência dos corpos femininos é pautada, cerceada e controlada, há muito, como parte de uma sociedade que beneficia homens, o Estado e o mercado.

Partindo dessa miscelânea do pensamento feminista, analisamos as produções de Clarice Lispector: “Amor”, conto integrante de *Intermezzo*, publicado em 1960, e *A paixão segundo G.H.*, romance publicado em 1964. Nessas duas obras, Ana e G.H., são mulheres de vidas estáveis, aparentemente contentamento com suas condições no mundo,

violência ou abuso; no entanto, ambas são acometidas por crises e percebem em si quando confrontadas com o inesperado, o impossível.

E depois de perceber esse vazio, o que fazer com ele e como elas conseguirão ser depois de encararem sua imensidão existencial que inunda Ana e G.H. também cause maremotos. Como as personagens de Clarice, existem nos papéis que lhes elas mesmas conscientemente escolheram estar.

Considerando a possibilidade de que o que acontece também acontecer na realidade, essa dissertação se propõe a investigar Butler, Beauvoir e Federici, além de outras contribuições sobre liberdade feminina, o controle que a sociedade civil exerce sobre a imposição das performances de gênero são fatores de descontentamento e o vazio existencial que as personagens levam a suas crises internas.

A hipótese levantada nessa pesquisa é de que as restrições impostas às mulheres pela sociedade patriarcal as limitam a vidas que, não necessariamente, alimentam sua existência, tornando-as prisioneiras de um cativeiro social, dando-lhes a constante sensação de descontentamento com algo. Ainda que suas vidas sejam privilegiadas em comparação com condições menos favoráveis, o vazio existencial que surge da impossibilidade de escolher o que quer que desejem ser as fazem prisioneiras.

escritos questionamentos de cunho filosófico, que dialogam com a cultura e a literatura moderna. Em seguida, a partir da leitura dos textos teóricos e da análise da escrita da autora, serão analisadas as duas personagens. Nas análises das personagens, serão aplicadas as problemáticas trazidas pela teoria.

Muito dos problemas que as mulheres experienciam no mundo contemporâneo são decorrentes do patriarcal a qual a maioria dos países foi submetida em seus processos de desenvolvimento social: como dito no decorrer desta introdução, as estruturas sociais são historicamente construídas por homens para atender a si próprios; às mulheres são atribuídos papéis de cuidado, de servidão, de procriação e de silêncio, nunca os de poder.

Discutir a construção dos papéis de mulheres e suas performances, as implicações disso nas relações entre gênero e poder, a violência contra o feminino, na violência sofrida pelas mulheres e na desigualdade social, são temas que serão tratados como forma de manifestação artística dessas realidades por meio da literatura. Este trabalho é destinado a feministas e para a crítica literária.

A intenção ao dialogar autoras feministas que tratam a literatura por perspectivas diversas e relacionar a análise a obras de literatura é a de contribuir para a amplificação da voz feminina no meio acadêmico, visto que este também tem sido uma esfera social marginalizada, como demonstrado no já citado relatório “Estatísticas de gênero: situação e tendências das mulheres no Brasil”, do IBGE (2021), que traz que, apesar da presença feminina nas instituições de nível superior como discentes (29,5%) e docentes (21,5%) no ensino superior no Brasil em comparação aos 21,5% dos homens.

1 GÊNERO - UMA DAS INVENÇÕES HUMANAS MAIS B

Triste, louco

Os debates sobre a dicotomia do masculino/feminino por parte de autores das mais diversas áreas do conhecimento compartilhada desde os antigos filósofos gregos, os poetas e literatos, a Bíblia, os sociólogos, antropólogos, cientistas e pensadores de todo o mundo e da História registrada da humanidade expuseram, com maior ou menor êxito e de diferentes perspectivas, as relações entre homens e mulheres que foram feitas e fizeram. Muitos desses discursos se complementam, outros se contradizem. O que permanece quase imutável é que, geralmente, vieram de homens.

As mulheres compõem quase metade da população mundial. Segundo o mais recente levantamento da ONU (UNWOMEN, 2010), e ainda assim, neste capítulo, o mundo como conhecemos hoje foi construído por homens.

mulheres geralmente sobram os trabalhos de reprodução, o
Ainda que o que se conceba como performance masculina
geotemporalmente, alguns papéis são mais recorrentemente
devido às diferenças fisiológicas entre os sexos biológicos .
imaginário coletivo, essência.

Porém, há quem afirme que não há, de fato, uma essên
acordo com nossos grupos e sociedade na qual somos criado
nossos hábitos nos ensinam e permitem ser. E a cultura e o
construídos cotidianamente por cada pessoa que habita este
coletiva e individualmente, quem escolhemos quem somos. E
outros as prisões de performance masculina e feminina às quai

Pode-se, no entanto, como diz a canção da banda brasile
na epígrafe desta introdução, “queimar o mapa, traçar de
reinventar”, bastaria que nos déssemos conta de que tudo
humano não passa de hábito e performance, inclusive o gênero

Para propor tal questionamento, este capítulo pretende
análises feministas da sociedade - histórica, social, antro
entrelaçar tais pensamentos, gerar uma cosmovisão do exi
concebemos.

1.1 A BINARIDADE E A IMPOSIÇÃO DAS PERFORMANÇAS NA FORMAÇÃO SOCIAL DAS MULHERES

“We’re all born

A humanidade talvez tenha, desde sempre, se dividido em polos opostos e contrastes dicotômicos - luz e escuridão, certo e errado, bom e mau. Nessas oposições a se destacar no que diz respeito às diferenças sexuais, aquela entre macho e fêmea. Pode, inclusive, parecer difícil para algumas pessoas imaginar um mundo onde não se divida a sociedade em dois principais critérios - se não o principal.

Faz-se necessário, primeiramente, estabelecer quais definições serão usadas nesse trabalho. Em seu livro *Mulheres invisíveis: o corpo projetado para homens* (2022), Caroline Criado Perez define gênero como “os significados sociais que são impostos a esses corpos biológicos que determinam se uma pessoa nasce homem ou mulher”, e “Gênero, uma categoria útil para análise histórica” (2019), João de Deus sobre gênero que são interessantes para esse trabalho. Gênero é a “organização social da relação entre os sexos”. Ao discutir o uso do termo que o termo é

como pontua Perez, “ambos são reais (...) [e] têm consequência se deslocam por este mundo edificado sobre dados masculinos”.

Judith Butler discute em seu livro *Problemas de gênero e identidade* (2021) a binaridade de gênero reproduzida pela sociedade. No subcapítulo “A complexidade do gênero e os limites da identidade”, ela discute a problemática da binaridade de gênero e como a diferenciação entre masculino e feminino exclui da discussão performances de gênero não socialmente aceitas: “o termo excluído do binário assombra a postura coerente dos sujeitos. O termo excluído é uma sexualidade que ressalta que, a dicotomização do gênero e a rejeição do que não se encaixa, muitas vezes, a manutenção de discursos e práticas LGBTfóbicas na sociedade. Segundo o relatório de 2021, a cada 34 horas, uma pessoa LGBTQIAP+ foi vitimada por motivo de orientação sexual. Entre os gays e as mulheres transsexuais as principais vítimas (SCHMITZ, 2021).”

A divisão sexual da sociedade já se tornara radical e essas estruturas sociais como também contribuí para a manutenção de tais normas que conhecemos.

1.1.1 A FORMAÇÃO FAMILIAR E SOCIAL

Em 1949, Simone de Beauvoir publicou seu mais recente trabalho (2019), um trabalho minucioso da autora que, embasada por relatos psicanalíticos, entre outros, traçou um abrangente histórico da construção e manutenção dos papéis de gênero na sociedade. O trabalho de Beauvoir trouxe importância ao debate sobre o feminismo, um trabalho pungente e significativo no que diz respeito às relações de gênero, ao feminino, aos papéis aos quais cada um é submetido e às obrigações às mulheres que inspirou muitos dos trabalhos mais recentes. No primeiro volume do livro, intitulado “A experiência vivida”, Beauvoir discute sua educação, os estímulos que lhe são oferecidos, sua sexualidade, com o lar e a maternidade, com o papel feminino exigido, desde a infância, passando pela juventude, pela maturidade à velhice.

Beauvoir discorre sobre como os padrões de feminilidade são construídos através das mais cotidianas práticas, como suas relações com os pais. Suas relações genitais e com a sexualidade são construídas partindo das insatisfações e dos tratamentos que lhes são inferidos a elas e aos meninos. A autora defende genuinamente, a ideia de uma sociedade engendrada e não pré-determinada a qual elas devam corresponder: “enquanto elas aprendem a apreender-se como sexualmente diferenciada. Entre menino

do tempo, através da reprodução sistemática e estilizada de atos que se apresentam a partir de uma série de comportamentos, gestos e movimentos, criando uma ilusão de um 'eu' permanentemente generificado, descolado de qualquer modelo que necessita da análise sócio-temporal para ser compreendido. O gênero é uma realização performativa compelida por sanções sociais (Beauvoir, 2018).

A necessidade de, desde antes do nascimento, reafirmar papéis que serão designados às crianças e os quais serão condicionados por uma cultura intensa ao ponto de, hoje em dia, promover-se eventos sociais para isso. E, após o nascimento, uma série de práticas sociais passam a ser utilizadas para reforçar a identidade sexual da criança: aos meninos, oferecem-se carrinhos, soldados, bolas, veste-se-os de azul (ou outra cor masculina) e corta-se-lhes os cabelos curtos; enquanto que às meninas, oferecem-se brinquedos que assemelham a bebês, brinquedos que imitam utensílios domésticos, veste-se-as magras e loiras, mutila-se-lhes as orelhas com furos para brincadeiras e cabelos longos e veste-se-as de cor de rosa.

Impõe-se às crianças as performances de gênero tidas como naturais desde as brincadeiras que essas são incentivadas a brincar, a serem oferecidos - aos meninos, os brinquedos e brincadeiras que estimulam a força física, a criação; às meninas, aqueles que estimulam a beleza e a maternidade. Além das brincadeiras, as referências históricas e culturais às crianças reforçam esses papéis socialmente designados. Beauvoir

Quando as crianças contribuem com os afazeres domésticos, os serviços de cuidado e manutenção do bem-estar familiar, tarefas de alta manutenção e frequência que estão relacionadas às mulheres -, enquanto aos meninos são reservadas tarefas de mercado - tarefas esporádicas e de baixa manutenção e que, a força física, algumas ainda estão relacionadas com os interesses

A divisão dos trabalhos domésticos entre as crianças repercutirão poderão conceber ocupar na vida adulta e já as coloca em treinamento sociais. Beauvoir reflete sobre a visão que a criança desenvolve à partir das possibilidades e dos exemplos de existência que vê na infância:

Seja ele ambicioso, estouvado ou tímido, é para o mundo; atira; será marinheiro ou engenheiro, ficará rico; sente-se livre em face das imprevistas o aguardam. A menina será exatamente como fez sua mãe, cuidará dos filhos; sua história já está escrita no céu; ela a descobre mostra-se curiosa, mas assustada, quando evoca as previstas de antemão e para a qual cada um
(BEAUVOIR, 2019)

mais tenra idade a se verem, se reconhecerem e, mais do que isso, a reconhecerem suas funções sociais como futuros homens e mulheres.

Simone de Beauvoir expõe que, na dinâmica familiar, o modo de divisão das tarefas, a quantidade e o tipo de afeto determinam as hierarquias de gênero a serem reproduzidas por meninos e meninas. Elas recebem tratamentos diferenciados dos adultos, que passam, com o tempo, a ensinar as crianças e modificar suas relações com elas de acordo com o gênero. Sobre o segundo desmame, que se inicia por volta dos três ou quatro anos, Beauvoir afirma que meninos e meninas começam a receber tratamentos diferenciados e a diferenciar seus comportamentos e formas de interagir socialmente. De acordo com a autora, que os meninos passam a receber menos afeto e são impulsionados pelos mesmos a buscarem liberdade e independência.

Um segundo desmame, menos brutal, mais lento, mais cheio de carinho da mãe aos carinhos da criança; mas é principalmente a falta de carinho, pouco a pouco beijos e carícias; quanto mais carinho, mais permitem-lhe que viva grudada às saias da mãe. (...) Ao menino, ao contrário, (...) querem libertando-se dos adultos que ele conquista demonstrar que procura agradar. (BEAUVOIR, 1988, p. 102)

A autora explica que a negação de afeto sofrida por meninas é mais frustrante e solitária, pois crianças, meninos ou meninas, de acordo com o gênero, recebem diferentes tratamentos e são

primeiro a nos tornar homens e mulheres e a destacar a
insuflando nas pessoas o sentimento de superioridade dos homens

Em verdade, a influência da educação e do
crianças tentam compensar a separação do des
e de exibição; ao menino obrigam a ultrap
narcisismo fixando-o no pênis; ao passo que a
se fazer objeto, que é comum a todas as crianças
Assim, a passividade que caracterizará essen
traço que se desenvolve nela desde os primeir
se trata de um dado biológico: na verdade, é u
educadores e pela sociedade. A imensa sorte d
existir para outrem encoraja-o a pôr-se par
existência como livre movimento para o m
independência com os outros meninos, desprez

A autora argumenta que enquanto os meninos, após o
passam a buscar identificação na figura paterna - o pai é
mundo, é quem tem a autoridade final em casa, é aquele cuj
atendidas de prontidão, é o que recebe mais respeito -, as me
no “mundo feminino”: são mantidas mais próximas às mulher
dos serviços, são iniciadas nos comportamentos e cuidados
meninas para se tornarem “boas mulheres”, apesar de as limita
as impedir de exercerem plenamente sua liberdade, treina-as

Beauvoir afirma que a maternidade é, para as crianças, e para as meninas, se maravilham com o mistério e a beleza do gestar. A função biológica das fêmeas repercute para a criança na figura mágica, e isso lhe atribui um certo valor e poder que não é dado sobre como o privilégio e a possibilidade de criar vida dentro de casa direciona ainda mais ao lar e as funções determinadas como mãe dada para brincar desde muito cedo e a proximidade ao lar que lhes informam que esse é seu destino: “além dessa esperança caseira fornece também à menina possibilidade de afirmação.”

Seduzidas pelo poder da maternidade e influenciadas e beneficiadas com a ajuda, as meninas incorporam em si, principalmente, o papel de segunda mãe de seus irmãos mais novos, “(...) elas são tão eficiente como um adulto e regozija-se de ser solidária” (BEAUVOIR, 2019). Assumem funções domésticas, se responsabilizam pelos irmãos novos, lhes dão ordens, se colocam como figuras de autoridade. Para as meninas, é fácil assumirem a posição de pequenas mães domésticas, em sua maioria, simples o suficiente para que possam desempenhar essas funções sem maiores dificuldades ou longo treinamento prévio:

as atividades da mãe são acessíveis à menina, ela vê a mãe e os pais; e julga-se por vezes que ela é mais próxima da fase adulta é porque a maioria das mulheres. O fato é que ela se sente

mais se apresenta como solução satisfatória; a vocação feminina, não o faz porque pretenda que ela quer ser matrona porque a sociedade das mães quando suas freqüentações, seus estudos, seu círculo materno, ela compreende que não são os senhores do mundo. É essa revelação - muito sutil - que modifica imperiosamente a consciência da mulher.
(BEAUVOIR, 2019)

É a partir da puberdade que o destino de mulher se concretiza concretamente na vida da menina. As mudanças fisiológicas que distinguem meninos e meninas: mudanças no corpo, no timbre da voz, no desenvolvimento muscular, no metabolismo. Ao ver seu corpo se transformar em o de uma adulta, a menina se dá conta de que não há mais como escapar da exigida de si a performance feminina para a qual vem sendo preparada agora, além da educação social, seu corpo se prepara para cumprir a função que será usada como justificativa para seu acorrentamento.

É por volta dessa idade que uma diferença substancial se estabelece entre as meninas solidifica as relações de poder entre os sexos: o uso da força física que, com as mudanças corporais e desenvoltura dos diferentes corpos masculino e feminino - meninos, após a puberdade, começam a desenvolver maior volume muscular em relação às meninas e, por consequência, maior força física - meninos aprendem a resolver seus conflitos com a força física. Ainda que as meninas possam sempre ter o entendimento de que a

homicídios de mulheres ocorreram dentro de casa, em 1,5 homicídios de homens. Um outro relatório, da Organização Mundial da Saúde: *Violence Against Women Prevalence Estimates*⁵, de 2002, afirma que a cada 3 mulheres com idade acima de 15 anos foram vítimas de violência tanto por parceiros íntimos (marido, namorado), quanto por outros (amigos, colegas, estranhos) (WORLD, 2021).

Mas a violência doméstica não é a única com a qual lidamos atualmente. Na verdade, como constata Silvia Federici em seus trabalhos, a violência doméstica está sendo institucionalizada ao longo de muitos séculos. Em outras palavras, ainda hoje -, a violência fora usada como instrumento de dominação econômica e políticas. Federici ressalta, inclusive, que o padrão atual de violência de gênero sistematizada enquanto se consolidou no século XIX, permanece vigente.

1.1.2 VIOLÊNCIA - SUBSTANTIVO FEMININO

No artigo “Globalização, acumulação de capital e violência: uma perspectiva internacional e histórica”, presente no livro *Mulheres e Violência: da pré-história aos dias atuais* (2019a), Federici pontua que a violência contra as mulheres foi um ponto de debate no movimento feminista desde seu início, e em 1948 formou-se o Primeiro Tribunal Internacional de Crimes contra a Mulheres por violência contra as mulheres, porém, não diminuiu desde então e continua sendo uma pauta para as ativistas feministas; pelo contrário, ela vem aumentando, sendo cada vez mais agressiva e tomando proporções antes vistas somente em tempos de guerra. A violência contra as mulheres tem sua raiz nas tendências estruturais do capitalismo e do poder estatal em todas as épocas” (FEDERICI, 2019a).

Federici aponta que uma das bases que sustenta o sistema capitalista primitiva definida por Marx - começou com a perseguição às bruxas, pois

apontar e perseguir mulheres como ‘bruxas’ por serem responsáveis pelas doenças das europeias no trabalho doméstico não era apenas uma forma de reforçar a subordinação aos homens, dentro e fora da família, mas também de controlar sua capacidade reprodutiva, garantindo a mão de obra necessária para os trabalhadores e trabalhadoras. (2019a)

Com a violência que era imposta às mulheres pers

intervenção considerada ideal para as mulheres que devotam o trabalho doméstico, por não precisarem usar as faculdades mentais para

Federici cita o livro “Un lavoro d’amore”, de Giovanna Borradori, que, de acordo com a autora,

o mais importante é que a violência sempre esteve presente em uma mensagem nas entrelinhas, uma possibilidade de controle sobre seus salários, conquistaram o poder de supervisionar o trabalho não remunerado das mulheres, de usar as mulheres como força de trabalho a esse trabalho. Por isso, a violência doméstica é considerada crime. Em paralelo à legitimação da violência das mães castigarem suas crianças como parte da educação da futura mão de obra, a violência doméstica é considerada crime pelos tribunais e pela polícia como reação legal à exploração das mulheres, de suas obrigações domésticas. (Borradori, 1991, p. 10)

Federici comenta também sobre casos de assassinatos de mulheres e a crescente violência, principalmente, contra mulheres negras. Ela afirma que tal é que

a globalização é um processo político de reorganização do capital o controle inquestionável sobre a riqueza humana, e isso não pode ser alcançado sem a exploração das mulheres responsáveis pela reprodução de suas comunidades. (Borradori, 1991, p. 10)

empresas e que são quem garantem a impunidade aos crimes. Ressalta que

É essencial enfatizar que a violência contra as mulheres é a nova guerra global não apenas pelo horror que transmite, mas pelo que as mulheres representam: manter comunidades coesas e, o que é igualmente importante, mercados comerciais de segurança e abundância. (2019a)

A autora destaca que, em países do sul global, as mulheres são responsáveis pela agricultura de subsistência, prática criticada pelo argumento de que a terra constitui patrimônio morto. Com repetidamente tais críticas do Banco Mundial, vêm forçando as produções de subsistência para auxiliar os maridos na produção. Essa prática cria dependência das mulheres aos seus maridos, as desvaloriza e reforça a ideia de que as mulheres são seres pouco relevantes que podem ser tomados sem pesar.

As mudanças nas leis referentes à terra e propriedade, como a “desintegração da solidariedade comunal” e a “exatidão neocalvinistas”, reacenderam a ‘caça às bruxas’, especialmente na Índia, e as acusações são mais frequentes em lugares onde há terras ou projetos comerciais. Federici cita ainda que

paulatinamente (...). O trabalho das mulheres das gerações não desapareceu, mas não é mais um valor social. (...) Assim, a política econômica que gera relações familiares mais violentas, já que as mulheres não podem trabalhar e os homens e devem levar dinheiro para casa, não deixam a desejar nas tarefas domésticas e no reconhecimento a suas contribuições monetárias.

A violência contra as mulheres também se dá como uma resistência e luta das mulheres por liberdade e independência. A misoginia e a transfobia, fazendo de mulheres racializadas e mulheres trans alvos de ataques e agressões. A autora cita casos de ataques a mulheres de conformidade de gênero e transgênero que ocorreram nas últimas décadas em centenas de pessoas. Federici diz que

A violência doméstica e pública (isto é, a violência contra as bruxas) também sustentam uma a outra. Muitas mulheres que sofreram os abusos que sofreram por medo de serem submetidas a mais violência. Por outro lado, a violência doméstica gera uma cultura de impunidade que alimenta a violência pública infligida às mulheres. (2019)

Federici ressalta que além da violência física denunciada há outras formas de violência as quais as mulheres são submetidas, seja de maneira política, econômica e social, a ilusão de que

1.1.3 BELA, RECATADA E DO LAR - O PAPEL DA MÍDIA FEMININA

A imposição da performance de gênero permeia todas as esferas do ambiente familiar, a escola, a política e a mídia. Betty Friedan, em *A mística feminina* (2021) sobre o papel da mídia escrita estadunidense, que, usando o espaço das revistas femininas, popularizou o conceito de ‘mulher-esposa-mãe-dona-de-casa’ como o ideal feminino a ser seguido.

Intrigada pela mudança abrupta na imagem feminina por volta dos anos 40, com as sufragistas tendo apenas conquistado plenamente o direito de trabalhar e estudar, Friedan se depara, apenas algumas décadas depois, com esse ideal feminino que se realiza no lar, no marido e nos filhos. Ela chama esse ideal de “mística feminina”. Ideal esse, que como aponta Friedan, foi vivenciado pela menina desde seus primeiros anos de vida como o modelo de sucesso femininos. Friedan se surpreende com a adesão das mulheres, principalmente com a então recente conquistas dos direitos femininos.

por que, com a remoção de todas as barreiras educacionais que antes impedia a mulher de competir com os homens, uma pessoa com vontade própria e um potencial próprio, a mulher deveria aceitar esse papel. Ela não é uma pessoa, mas sim uma “mulher”, por isso não pode existir como indivíduo e de ter voz no destino.

Friedan relata que, durante as décadas de 50 e 60, houve uma crise de identidade entre as mulheres brancas de classe média estadunidense de casarem e constituírem família: as mulheres dessa época se casavam muito mais cedo do que aquelas da geração anterior, e quando o vazio existencial começava a lhes afligir, elas decidiam por casar. Quando alcançavam a idade em que não conseguiam mais ter filhos, as crises de identidade se agravavam. Friedan chamou essa crise de "crise da meia-idade", nome, principalmente, pois não se falava sobre ele.

As revistas femininas da época traziam em suas páginas dicas de vida doméstica, formas de agradar o marido, dicas sexuais, receitas para o lanche das crianças, pois, segundo Friedan, os editores, na maioria, homens - achavam que as mulheres não se interessavam por nada além do contrário, vendiam a ideia de que a felicidade e realização - e a realização no ambiente doméstico e tentavam convencer as mulheres de que

o papel delas era buscar se satisfazer como mães. Quando as mulheres ouviam as vozes da tradição e da sociedade, elas não poderiam desejar melhor destino do que o que tinham. A feminilidade. Os especialistas lhes explicavam como amamentar os filhos e fazer o desfralde, como lidar com irmãos e a rebeldia adolescente; como comprar móveis, escargots e construir uma piscina com as próprias mãos. Elas deviam agir de forma mais feminina e tornar o casamento mais feliz. Quando o marido morresse jovem e que os filhos virassem

fórmulas em si, que ditaram a nova imagem de dona de casa masculinas” (2021).

Silvia Federici e Simone de Beauvoir mencionam em *Segundo Sexo* (2019), respectivamente, que o isolamento doméstico fez com que os laços comunais femininos perdessem e as mulheres mantinham distantes de outras mulheres e acabavam por interagir apenas consigo mesmas, impedindo que elas compartilhassem suas experiências entre si e com outras mulheres sob a opressão da qual eram vítimas; do mesmo modo, as mulheres pós guerra não tinham uma comunidade segura de mulheres com quem poderiam compartilhar. Isoladas em casa, se convenciam de que o “problema era de si:

Nas décadas de 1950 e 1960, quando uma mulher casada deveria sentir-se satisfeita, devia haver algo de errado em seu casamento. Muitas mulheres estavam satisfeitas com a própria vida, pensavam que não havia nada que sentisse uma plenitude misteriosa ao encerrar o dia. Muitas sentiam uma vergonha em admitir sua insatisfação que não falavam e não compartilhavam dela (FRIEDAN, 2021).

Friedan aponta que houve situação em que alguma mulher escreveu matérias que fugissem da mística feminina - esse ideal doméstico de casa perfeitas - e falou sobre os percalços da vida doméstica e as experiências surpreendentes. Muitas mandaram seus relatos de desabafo

A mulher estadunidense está vencendo a batalha pela elegância dos cargos mais importantes em nível mundial. Maravilhosa também está se casando mais cedo, trabalhando mais cedo e parecendo mais feminina do que a geração de 1930. (FRIEDAN, 2021)

Esse outro foi proferido por Adlai Stevenson durante o discurso em Yale College, em 1955:

Mulheres, principalmente as mulheres cultas, são capazes de influenciar, homem e menino. (...) A questão é se, no Islã ou da Ásia, as mulheres “nunca estiveram tão próximas em vez de as distanciar das grandes questões mundiais. O casamento e a maternidade as está levando de volta a vocês uma responsabilidade infinitamente maior do que aquela atribuída à maior parte daqueles que geralmente vivem em tal turbilhão de grandes questões mundiais. Distinguir questões realmente importantes. (STEVENSON, 1955)

Esses discursos, no entanto, foram proferidos por homens. Os próprios homens têm das mulheres, desconsiderando, talvez, o quanto os homens o são, e aspiram, assim como eles, uma vida. Eles podem explorar suas capacidades humanas como bem desejam. Indagação feita por Friedan:

1.2 SANTA, PUTA OU BRUXA - AS MULHERES NA

1.2.1 MULHER, GÊNERO E SEXUALIDADE

O trabalho de Beauvoir trouxe luz e espaço para o questionamento logo na introdução do livro: “o que é uma mulher?” (2019). A resposta, de acordo com a autora, pois os homens não escreveram para debater sua condição de homens no mundo. Os homens não são homens, já é óbvio que o são. Homens e mulheres não são determinados a um tempo o positivo e o neutro” enquanto “a mulher representa a um tempo o positivo e o neutro” enquanto “a mulher é determinada de modo que toda determinação lhe é imputada como 1” (BEAUVOIR, 2019).

Ainda reproduzindo as palavras de Beauvoir, ela diz que

... não é senão o que o homem decida que seja; de modo que se representa diante do macho como um ser secundário, enquanto ela o é absolutamente. A mulher determina-se em relação a ele e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial, o Outro, o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro. (2019)

Nesse ponto, os discursos de Simone de Beauvoir e de... ponto em comum. Em *Calibã e a Bruxa* (2017),

bruxas na Europa. Em um dos ensaios deste livro, “A caça às mulheres”, a autora discorre sobre como a sexualidade feminina foi usada como uma bravata contra o sistema. Via-se a sexualidade feminina, quando não controlada, como uma ameaça social e uma poderosa força econômica. A Igreja Católica viu a sexualidade feminina como demoníaca, inspirados pela literatura da potência e do poder da paixão. A Igreja então, por volta do século XVI, foi vista como uma instituição quase exclusivamente masculina para conter as tentações do diabo que se manifestava através das mulheres: “os olhos, mais mortal para a alma” (FEDERICI, 2019a).

De acordo com Federici, a demonização da potência e da paixão foi um dos motivos para que mulheres fossem perseguidas como bruxas. Porém, colocou a repressão da sexualidade feminina a seu favor para satisfazer as necessidades sexuais masculinas e gerar mais mão de obra. Reintegrou na esfera do comportamento social aceitável para a Igreja a sexualidade dócil, domesticada, instrumental para a reprodução e a pacificação da mão de obra” (FEDERICI, 2019a). O discurso de Martinho Lutero, por exemplo, inspirou a demonização e a insubordinação da sexualidade feminina para fins capitalistas de reprodução de pessoas: “a bruxa com tanta frequência de nenhum crime quanto foram denunciadas como libertino”, geralmente associado ao infanticídio e a uma hostilidade à reprodução da vida.” (FEDERICI, 2019a).

O medo da sexualidade feminina, do poder social que

As mulheres foram aterrorizadas por acusações e execuções públicas porque seu poder social, que os seus perseguidores, era obviamente significativo, e o das velhas - precisava ser destruído. (FEDERICI, 2004, p. 100)

As mulheres jovens eram tentação para os homens, atrapalhando suas funções e obrigações sociais e de trabalho; as mulheres mais velhas, com seu conhecimento medicinal, histórico, social e político, que poderia ser usado por mulheres mais novas, mantendo ativo seu poder na sociedade. O medo de mulheres mais novas, mantendo ativo seu poder na sociedade, era um perigo para a nova ordem capitalista:

A bruxa foi a comunista e a terrorista de sua época. Ela foi o mecanismo “civilizador” para produzir uma nova divisão sexual do trabalho em que a disciplina era necessária para apoiar. Na Europa, as caças às bruxas foram uma das primeiras coisas que educaram em relação a suas novas obrigações. A grande derrota foi imposta às “classes baixas” quando o poder do Estado para renunciar qualquer forma de poder local estavam apenas os corpos de “bruxas”, destruindo as bases de relações sociais que fora a base do poder local. O conhecimento que elas haviam transmitido, de ervas e de magias - conhecimento sobre ervas, sobre meios de usar magias para obter o amor dos homens. (FEDERICI, 2004, p. 100)

Além do conhecimento adquirido e passado adiante p

teoria feminista se apoiou politicamente no termo mulher com o afim de gerar representatividade para esse. Essa representatividade, pois, ao mesmo tempo que garante visibilidade política e social, delimita linguisticamente o que é ou não compreendido dentro da política e a teoria feminista começou a ser questionada dentro da compreensão de que a identidade feminina não é estável nem

Os domínios da “representação” política e o critério segundo o qual os próprios sujeitos de representação só se estender ao que pode ser representado por palavras, as qualificações do sujeito têm que ser capazes de ser expandida. (2021)

Butler, ao lembrar Foucault e seus estudos sobre gênero, afirma que os sistemas jurídicos de poder “produzem os sujeitos que passam a representar” (BUTLER, 2021). A problemática se dá pelos sistemas jurídicos de poder à formação do sujeito, regulando o que condiciona os sujeitos que se formam dentro desse sistema. O sujeito feminino se forma, então, nesse contexto produzido. Nas palavras de Butler, “a construção política do sujeito ocorre por meio de legitimação e de exclusão, e essas operações políticas são frequentemente naturalizadas por uma análise política que toma as estruturas jurídicas como dadas” (2021). De acordo com a autora, é necessário para a crítica

“gênero” das interseções políticas e culturais produzida e mantida. (BUTLER, 2021).

O termo “mulher”, por muito tempo, teve seu significado limitado ao conjunto de pessoas do sexo feminino. Em 1851, Sojourner Truth, uma mulher negra, nascida nos Estados Unidos sob o regime escravocrata, foi mundialmente famosa por seu discurso “E não sou uma mulher?” (no original: “*E não sou uma mulher?*”), se não era ela uma mulher, uma vez que, em sua época, ela era tratada como os homens e a sociedade diziam que se deveria ser tratado assim. Ela denunciava em seu discurso:

Aqueles homens ali dizem que as mulheres são frágeis, que não podem andar em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar rios e passar por qualquer lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me viu cair, e eu não sou uma mulher? a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceu ajuda, e eu não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para mim? Eu colho a colheita nos celeiros, e homem algum poderia fazer isso melhor do que eu? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem que eu tivesse oportunidade para isso – e eu não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles crescer, e eu não sou uma mulher? quando eu clamei com a minha dor de mãe, e eu não sou uma mulher? (TRUTH, 2014)

María Lugones provoca em seu artigo “Rumo a um mundo plural” a discussão sobre o termo “mulher” e a sua relação com a identidade racial e de gênero.

colonial moderno tornou-se um sujeito/agente, governo, um ser de civilização, heterossexual. A mulher europeia burguesa não era entendida como alguém que reproduzia raça e capital por sua passividade, e por estar atada ao lar a serviço do homem. (LUGONES, 2014)

Butler argumenta que não se pode compreender nem o patriarcado de maneira singular, precisa-se compreender as manifestações e implicações culturais nos diferentes contextos que apresentam. A afirmação de um patriarcado universal já perde validade, porém, a ideia generalizada da categoria “mulher” tem sido útil. Houveram muitos debates sobre o que categoriza e conecta o feminino e, sobre esses debates, Butler afirma que

A noção binária de masculino/ feminino constrói uma ideia de identidade que essa especificidade pode ser reconhecida, mas a ideia do feminino é mais uma vez descontextualizada da constituição de classe, raça, etnia e outros fatores. Tanto o masculino quanto o feminino tanto constituem a “identidade” como tornam-se uma identidade. (2021)

Butler sugere que a categorização do sujeito do feminismo em termos de gênero é recusada na aceitação do mesmo pois a categorização é excluída.

Ao mesmo tempo, a noção de gênero em termos de “mulher” e “homem”

A autora atribui esse apagamento do sexo e gênero a uma combinação de fatores social, político, tecnológico e científico à baixa - quase nula - participação das mulheres na sociedade. Homens não consideram a existência e experiências das mulheres em suas decisões e, como já havia dito Simone de Beauvoir, têm uma perspectiva de mundo absoluta: “a representação do mundo, como o próprio mundo, é sempre feita a partir de seu ponto de vista, o que confunde a realidade” (BEAUVOIR, 2019). A ausência de mulheres nos meios de comunicação e nas decisões apaga destas mesmas a realidade daquelas.

A invisibilidade feminina e a neutralização do masculino são fenômenos que já se tornaram tão sutis que falar especificamente de gênero é considerado como subjetivo, ou pouco relevante. Joan Scott, no já citado livro “Gênero: uma útil para análise histórica” (2019), menciona que muitos trabalhos das últimas décadas que tinham como objeto de análise a história das mulheres, a palavra “mulheres” substituída por “gênero”, pois “o uso de gênero dá a impressão de erudição e a seriedade de um trabalho, porque ele tem conotações de ‘mulheres’” (SCOTT, 2019).

Perez (2022) menciona em seu livro que recentemente houve uma ascensão do ex-presidente Donald Trump, eleito em 2016, e a consequente amplificação dos discursos de ódio reproduzidos por ele, que são direcionados para pessoas negras, latinas, mulheres e pessoas LGBTQIA+. Esses discursos não se relacionam com assuntos sérios, como economia e questões sociais, mas sim a classe trabalhadora. A autora ressalta que a base eleitoral

contamos sobre nosso passado, presente e futuro

- por uma presença ausente do feminino.

1.2.2 UM MUNDO FEITO POR HOMENS E PARA HOMENS

Na História, mulheres não foram consideradas como influenciadores de eventos históricos. Perez cita o historiador crítico à atenção dada às esposas do rei Henrique VIII por história e uma história resumida e adequada da Europa, será uma história em que eles eram os detentores do poder, e fingir qualquer outra coisa (STARKEY, apud PEREZ, 2022). Scott também comenta a construção da História e cita, em seu artigo, três historiadoras: Buhle e Nancy Schrom Dye - que criticaram a abordagem científica:

Aprendemos que inscrever as mulheres na história é uma redefinição e o alargamento das noções tradicionais. É importante, para incluir tanto a experiência pessoal quanto pública e política. Não é exagerado dizer que, nos princípios reais de hoje, tal metodologia inclui as mulheres, mas uma nova história. (GORDON, 2018)

Nas ciências, artes e áreas de produção de conhecimento, frequentemente não foram permitidas participar e, quando o fizeram, de seus trabalhos foram atribuídos a homens - irmãos, maridos ou pais, menciona Perez (2022). A autora traz em seu livro diversos casos

tratadas como anomalias pela comunidade médica e científica. Há inúmeros exemplos de como mulheres foram ignoradas na prática e científico: remédios e tratamentos não são normalmente testados em animais fêmeas e nem em células femininas, e, quando o são, nos estudos e, muitas vezes os resultados desses estudos não são

Apesar de muitas pesquisas já terem mostrado que diferenças metabólicas de homens e mulheres, por exemplo, podem causar ou reduzir ou mesmo anular a eficácia de medicamentos, ainda hoje a perspectiva feminina ainda muito grande nas pesquisas.

A autora ainda traz que nem mesmo em pesquisas onde são majoritariamente o sexo feminino há a inclusão representativa. Por exemplo, mulheres apresentam 70% mais chances de desenvolver doenças. No entanto, de acordo com Perez (2022), os estudos sobre os efeitos de medicamentos são muitas vezes mais animais machos do que fêmeas.

O que Perez apresenta em sua pesquisa é revoltante porque coloca em risco a vida de mulheres que buscam, inocentemente, ajuda médica, sem saber que existem grandes chances de que os remédios causem reações sérias e, por vezes, letais. Perez cita, por exemplo, um estudo de 2014 pela FDA (Food and Drug Administration, agência reguladora de medicamentos dos EUA) que mostravam que entre 2004 e 2013, houve 2 milhões de casos de reações adversas a medicamentos em mulheres e 1 milhão de casos em homens (2022).

usuário durante o uso dessas tecnologias, não reconhecem b
causando, portanto, o efeito contrário em mulheres (PEREZ, 2

Além disso, a área de criação e desenvolvimento
majoritariamente por homens. Segundo Perez (2022), essa do
desenvolvimento de tecnologias que facilitem a vida de mulhe
de eletrodomésticos que atendem funções cumpridas princ
desenvolvimento de aplicativos e softwares que não consider
demandas femininas. Os investidores de alto risco, aqueles qu
em start-ups, por exemplo, geralmente são homens e, como a
em projetos idealizados por outros homens. Isso dificulta a in
desenvolvidos por mulheres e para mulheres no mercado
mostram que mulheres em países subdesenvolvidos que tive
eletrodomésticos mais eficientes e práticos que os tradicionais
atividades sociais e na comunidade, além de poderem se d
remunerado, aumentando assim sua independência financeira.

Assim como Perez, Silvia Federici desenvolveu sua pesq
história oculta e invisível das mulheres na transição da socieda
proposta de Federici ao escrever o livro *Calibã e a bruxa* (20
surgimento do capitalismo a partir de uma perspectiva femin
As relações entre o Estado, a igreja e a sociedade burg
proletariado foram analisadas por Karl Marx em *O Capital*, m
desenvolver seu estudo, não considerou a realidade das m

2 CLARICE

veio de

Ficamos se

C

Era Clarice

o

sua raz

Visão de Clarice Lispector -

Ler Clarice Lispector é, para muitos de seus leitores, escrita introspectiva envolve e cativa, como se ressoasse de despreziosamente filosóficas, que, às vezes, parecem inocente, revelam-se como uma leitura profunda do ser humano

Na epígrafe deste capítulo, trecho do poema “Visão de

A literatura de Lispector é composta, majoritariamente, por histórias que abordam o universo cotidiano de suas personagens, batalhas vencidas, heróis de guerra. Há a vida e seu decorrer complexo.

Ainda que sua abordagem nem sempre fosse explícita, em suas obras questionamentos sobre o mundo e as relações humanas escritos - e sentí-los -, inevitavelmente compartilha-se com as personagens se encontram, e a escrita crua e visceral que, mais do que contribui para esse reconhecimento com suas obras.

Neste capítulo, propõe-se apresentar o caráter filosófico de Lispector, as vertentes de pensamento mais comuns a serem identificadas e analisadas, as características centrais de sua escrita e construção.

2.1 A ESCRITA DE CLARICE LISPECTOR

Não tem pessoas que cosem p

O século XX, repleto de crises políticas, bélicas e sociais, é o século da crise identitária. Desde então, vários filósofos e pensadores da existência humana se debruçaram sobre a iminente crise existencial. Desde então - Jean Paul Sartre, Zigmunt Bauman, Albert Camus, Michel Foucault, Stuart Hall, todos esses e mais tantos outros encararam a crise à partir de diferentes lentes: social, filosófica, racial, de gênero. Na tentativa de representação da existência, a literatura não sai jamais imune ao conflito pós-moderno inunda as produções literárias da segunda metade do século. Não pode esperar menos: em suas primeiras cinco décadas, o mundo viveu guerras mundiais, uma pandemia, grandes crises econômicas, crises de menor alcance, ascensão do nazismo, do fascismo e do comunismo, o holocausto, a invenção do avião, do computador, da televisão. As mulheres conquistaram o direito ao voto, a ONU foi criada. Tanto os aspectos positivos e negativos, em período tão curto certamente afetou profundamente a cultura e a literatura.

Pois Clarice Lispector e sua literatura são crias de seu tempo. Ela nasceu no centro desse turbilhão: sua literatura carrega os conflitos e o gênero que permearam - e ainda permeiam - as vidas das pessoas.

desde seu primeiro livro, *Perto do Coração Selvagem*, publicado em 1946, Antonio Candido como um dos críticos literários a exaltar sua obra. Seu artigo sobre o recém-lançado livro de Clarice - "No raiar de uma nova era", publicado posteriormente no livro *Vários Escritos* (1977) - no qual comparamos Mário de Andrade e Oswald de Andrade e afirma que

com efeitos, este romance é uma tentativa imbuída de coragem para canhestros domínios pouco explorados, forçada a ser um romance cheio de mistério, para o qual sentimos que há uma grande aventura afetiva, mas um instrumento real do conhecimento em alguns dos labirintos mais retorcidos da mente humana.

Candido ainda ressalta o quão raro era encontrar autores que escreviam seus romances e como a literatura brasileira era majoritariamente baseada em adequavam ao modo tradicional de escrita e que faltava nela uma nova expressão" (p. 126). Pois Clarice o surpreendeu com seu primeiro romance. Candido reconheça que, se tratando de sua primeira publicação, os esforços trabalhados na escrita de Clarice, o autor viu grande potencial e a intensidade com que sabe escrever e a rara capacidade da jovem escritora um dos valores mais sólidos e, sobretudo, mais originais, porque esta primeira experiência já é uma nobre realização" (p. 126).

Além de Candido, Waldman cita também a crítica feita por ele à escrita de Clarice como "penetrante, sóbria" e destaca a habilidade

envolvida na rotina doméstica); 2. o desenvolvimento de crise desde quando vê o cego até fugir com ele (Ana volta para a rotina doméstica). (p. 29) [g

O uso de uma estrutura narrativa padrão em seus contos de Clarice tenha, em algum momento, sido ‘mais do mesmo’ de elementos narrativos modernos à estrutura narrativa clássica, um dos aspectos característico de suas obras -, a filosofia - existencialismo, a linguagem de suas personagens, a humanização de objetos e animais com o tema da existência humana, o estranhamento do cotidiano, os contrastes entre o humano/sobrenatural, humano/animal, palavra/silêncio, abstração e consciência, a paródia, todos esses fatores somados à sensibilidade para a realidade e ao lidar com as palavras fazem sua literatura tão única.

Gotlib escreve ainda sobre a escrita de Lispector: ‘A combinação de vários recursos narrativos: os da tradição e os da inovação. Combinação esta que é, ela sim, responsável pela sua especificidade’.

Berta Waldman, porém, analisa a escrita de Lispector sob um ângulo antes encontrado, talvez não tanto em sua organização narrativa, mas pelo uso que Clarice faz das palavras, como mencionaram Clarice e outros textos exploram a existência:

Em todos os romances, o contínuo deslocamento e a busca pela recuperação do pólo sensível da vida, do núcleo

se é sobre mulheres, certamente deveria ser inferior, irrelevante quanto a expressão do existir feminino no mundo e dos conflitos que ela - e talvez ainda seja - vista como menos interessante ou importante assim como Drummond e o professor de português, na visão de quem quer entender Lispector. Mas Waldman contrapõe a crítica de Lima e considera “incompleto e inacabado”, é, na verdade, um dos aspectos positivos de Lispector. A escrita de Clarice, segundo Waldman, “se si (...)”. Em vez da linearidade, a autora oferece a descontinuidade da sequência de eventos (fábula), a autora revela a construção da trama” (WALDMAN, p. 23, 24).

Olga de Sá, em seu livro *Clarice Lispector - A travessia*, descreve a escrita de Lispector como “fenografia”, ou “escrita do fenômeno”, que não se pretende a descrever a “aparência do real”, mas, sim, a experiência (SÁ, p. 254). Sá ressalta nessa análise o quanto a literatura de Clarice trata da existência humana, e não configura somente uma descrição do mundo. inclusive, os leitores de Lispector têm um papel importante: o leitor engajado, que se disponha a acompanhar a autora e mergulhar junto com ela no mar de incertezas de suas personagens, muitas vezes compreendida como “incompleta”. Em alguns de seus trabalhos, ela refere ao tipo de leitor que ela pensava que fosse se comunicar com ela. abertura de *A paixão segundo G.H.* (2009):

Se este livro vier jamais a sair, que dele se afas
escrever é coisa sagrada onde os infiéis não têm
propósito um livro bem ruim para afastar os pr
um pequeno grupo verá que esse "gostar" é sup
verdadeiramente escrevo, e que não é "ruim" n

Ainda sobre a participação do leitor na obra de Clarice,
consciência de Lispector em relação à linguagem e as ma
escritora ao criar suas narrativas, ao leitor cabe fazer uma “
texto e ao contexto de sua obra” (SÁ, p. 41). A literatura de C
precisa ser sentida para que se possa entender todas as nu
“Clarice ‘desautomatiza’ o leitor, confrontando-o com um tal
cuja força maior é a epifania” (SÁ, p. 79).

No prefácio do livro *A escritura de Clarice Lispector*, t
de Campos declara que a literatura de Lispector não se
significante”, mas sim, “literatura do significado”,

“levada à sua fronteira extrema, à tensão co
figuras de indizibilidade, e mobilizando para
metafóricas (...) instaurando a contrapelo do
aproximadas ou contrastadas as regiões mais
plano do conteúdo.” (CAMPOS, apud SÁ, 199

Talvez a peculiaridade da escrita de Lispector seja devi

Com tantos críticos reconhecendo a natureza única da obra e a afirmação de Waldman sobre sua obra: “hoje, a relativa distância da obra de Clarice Lispector abre um caminho novo na literatura dos pontos mais altos de nossa ficção de vanguarda.” (p. 25)

Não por acaso, Clarice Lispector é a nona autora de livros no mundo, única mulher entre os dez mais traduzidos (UNESCO), ficando atrás apenas de Machado de Assis (10º lugar).

2.1.1 A PARÓDIA, A EPIFANIA E A FILOSOFIA

Olga de Sá, grande estudiosa da obra de Lispector, em *travessia do oposto* (1993) explora o que ela chama de “o p... Clarice. A autora ressalta o quanto a obra de Clarice está em Sá explica que paródico em sua análise não significa o p... satírica, mas uma paródia séria, um “canto paralelo”, retom Segundo Sá, a paródia na obra de Clarice “denuncia o... desescrevendo o que foi escrito, num perpétuo diálogo com se... textos do universo literário” (p. 19).

Em seu livro, Sá analisa a paródia na obra de Lispector, cinco romances: *A cidade sitiada* (1949), *A maçã no escuro* (1964), *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres* (1969). Outras obras e personagens também são mencionadas em panorama abrangente dos diálogos encontrados nas obras de C... textos e personagens quanto com textos e personagens de out... “Os romances de Clarice dialogam entre si, levando-nos a con... nos traços de suas personagens, a paródia de si mesma.” (SÁ, p...

Quanto à epifania nas obras de Lispector, muito já foi dit... características mais marcantes e reconhecíveis de sua litera... personagens experienciam o momento epifânico, umas o... descobertas advindas dele, outras o ignoram pois não ans...

abdica de sua vida para se dedicar à família e a criar o filho. Ela vive a experiência humana completa para servir a um propósito maior. Ela escolhe caminhos diferentes daqueles escolhidos por Adão. Ela vive acontecimentos relatados por ela, sua própria via crucis, assim como a morte e ressurreição.

Ana, mesmo depois de seu encontro com o cego e seu filho, ainda escolhe permanecer em sua vida santificada, pois ela, quer sentir que seu propósito maior de existência não é a própria vida, mas como edificadora do lar. É a Maria, pois, que os seguidores procuram quando precisam de auxílio, e é à mãe que os filhos recorrem. Ela é a matriarca abdicada de si, que vive por sua prole e casamento.

G.H., que não é mãe e, portanto, não é Maria, é a que narra seu próprio inferno pessoal, aquele do autoconhecimento, resultando na descoberta de um novo eu. Além disso, assim como Eva, ainda traz conhecimento sobre a verdade da vida - em seu caso, uma verdade bíblica, compartilha da verdade descoberta ao fazer seu relato. Para que ele também conhecesse a verdade, já G.H. nos narra sua história de expulsos de algum paraíso - Jardim do Éden, no caso de Adão e Eva, e pelas aparências, no caso de G.H. e, possivelmente, seus leitores. Ela cita a Bíblia várias vezes em seu relato:

Eu me sentia imunda como a Bíblia fala dos

segundo a narradora, o ultrapassa. A paixão
insensibiliza. É a vida, a totalidade, contra o “
134).

O momento epifânico de ambas as personagens é o elemento comum às duas obras: tudo acontece a partir dele. Ana e G.H., que não tinham consciência da infelicidade e vazio que sentiam, percebem a magnitude da situação e, dessa maneira, abriam mão para performar em seus papéis pré-definidos, ligados ao feminino. Ambas, Ana e G.H., tentaram, em vão, resistir às imposições. As atitudes *post factum* tomaram caminhos diferentes: ainda que a situação que viria do desconhecido recém descoberto, Ana, ao final de sua jornada de vida dentro de si, escolheu permanecer com o que já estava acostumada, algo que lhe era precioso: sua família que, ainda que lhe parecia limitada e doméstica, ela amava; G.H. também teve medo da sua descoberta, mas nada que lhe prendesse além de seu apego com a estética e a ordem. Os indícios de que, apesar do medo, não conseguiria abandonar o que descobrira em sua epifania, estava mudada, pelo menos, não conseguia se livrar completamente dos efeitos de sua epifania. Ela, nesse estado atenta ao mundo ao redor, e perceber a grandeza da vida que se desenrolava dentro de sua própria casa. Os questionamentos não parariam por ali: “Não havia como escapar, pois haviam-se rompido na crosta e a água escapava.” (p. 24) (...)

textos despretensiosamente carregam aspectos da filosofia de Sartre, de Simone de Beauvoir e da filosofia nietzschiana, além de outras referências. Por exemplo, Ana reafirma algumas vezes como sua vida de mãe fora escolha sua - “assim ela o quisera e escolhera” (p. 19) -, ideias centrais do Existencialismo: estamos todos condenados a liberdade e o que tomamos na vida são nada além de nossas escolhas ou o resultado delas. Como a análise que Gaspar Simões fez do romance *A cidade sitiada* sob o prisma do Existencialismo:

“Em *A cidade sitiada* as coisas são vistas através dos olhos dos personagens.” Estamos diante “não de um mundo exterior, mas de uma consciência conceptual do mundo.” Distanciando-se de Sartre e Beauvoir, aproxima-se de Sartre e Beauvoir, portanto, o olhar de Ana interior, como a expressão sugere, propõe uma forma de subjetividade introvertida na câmara escura da subjetividade, um mundo preparado para nos dar primeiro a interioridade e depois a periferia do mundo.” (SIMÕES apud Sá, 1993, p. 100)

Já G.H. menciona várias vezes durante seu relato como criança, seus sentimentos se assemelhavam ao sentimento de uma criança, assim como Nietzsche, que propunha em *Assim falou Zaratustra* que a metamorfose humana seria tornar-se criança, pois as crianças sabem o que querem ser, sem as pressões sociais de performance: “No entanto, não terão sido como num laboratório onde se acha o que se acha” (Nietzsche, 1999, p. 100)

leitor a traçar caminhos parecidos com os da personagens e
como ela, sua identidade há muito perdida nos caminhos da vida

2.1.2 A REPRESENTAÇÃO DA VIDA REAL

As narrativas de Clarice têm como principal ponto de vista as pessoas comuns: em sua maioria, suas personagens são mundanas, corriqueira e normal - jovens, mulheres casadas, mães, idosas, realidades possíveis, “pelo caminho da banalidade, Clarice encontra a sublimação” (SÁ, p. 215).

Mas, mais do que qualquer representação da vida humana, o próprio existir no mundo transposto nas histórias de suas personagens viver eram praticamente a mesma coisa e sua vida se revelava através da escrita. Era através da escrita de suas obras que Clarice encontrava e lidava com seus próprios conflitos.

Olga de Sá diz sobre as obras de Clarice:

Há, portanto, como subtexto na obra Clarice, simplesmente uma “poética”, que laboriosamente se junta aos fatos, juntos, grudados ao osso dessa poética, pedaços de vida que se distanciaram de seu texto. É possível, pois, que ela se ordenar, além de nos doar o que Clarice percebeu e quebra”, o princípio de algumas de suas viagens itinerários como escritora - e teremos assim, talvez, um sentido. (p. 221)

vida e obra de Lispector podem ser meras coincidências ou em seus escritos pedaços de si mesma e de seu próprio existir

Olga de Sá dedicou um capítulo inteiro de seu livro à *vida* e destaca a conexão entre Clarice e as duas personagens d

Cada vez mais, enunciados que pertencem à modo que o Autor-narrador é reflexo, no esp para exprimir seus próprios questionamentos (...)

Ângela é o lado dionisiaco de Clarice. O Autor (...)

Na descrição de seus traços, teríamos o perfil sua autobiografia poética, misturada com se tanto. (p. 227, 228)

Ao se expor e se transpor tanto em suas obras, Clarice cr relativamente fácil se identificar. Sua ampla gama de possibilidades de existências reais. Apesar de não escreve explicitamente engajados socialmente, suas personagens, denunciam tanto as crueldades quanto a simplicidade e as bele

Sá cita um estudo realizado por Suzi Frankl Sperber, “J autora fala sobre *A hora da estrela* e a abordagem social pre dizem que esse romance foi a redenção da alienação de Clari que, mesmo que não explicitamente e com o intuito de di

como mencionado anteriormente, Sá declara que sua escrita é uma escrita do fenômeno, contanto que nele não se cifre a aparência em escritura, o miolo divino da realidade” (p. 254).

Waldman também comenta sobre como a obra de Clarice da vida através dos questionamentos que suas personagens fazem ao mundo. Ela menciona como a escolha narrativa feita por Lispector que as personagens fazem, centram sua narrativa na existência. Nas palavras da autora, “para o pólo da sensibilidade” (WALDMAN, 2007).

Sua escrita intimista contrastava com os padrões de romances de sua época, romances que apresentavam tempo, enredo, personagens. Já as obras de Lispector não seguem esse padrão:

Já o romance de Clarice propõe a ruptura com a estrutura, oferecendo-se como um espelho da realidade como uma totalidade fragmentada.

Por mais que o romance se desligue voluntariamente das carências, as projeções utópicas e os dilemas morais quando a carga conflitiva dos dilemas aumenta a consciência dilacerada e a falta de inteireza afetiva também a sua estrutura. (WALDMAN, p. 32)

Como já mencionado outras vezes nesse trabalho, escrevo a mesma coisa. Pensando nessa necessidade da autora em existir em relação com o mundo, com o tempo, com os outros, com a vida,

nua, a disciplina do despojamento do que a
camadas superpostas pelo hábito e pela necessi

Pois esse caminho inverso, para dentro do ser, da existência, desnudar a falsidade da vida mascarada pelo hábito, faz a obra realidade e, como já dito, garantem aos seus textos, seu caráter ainda que não parecia ser a intenção de Clarice abordar tais único texto que, declaradamente, se tratava da realidade Lispector escreveu após o assassinato de um criminoso, cujo fora morto pela polícia com 13 tiros. Tamanha expressão escancararam para Lispector que sua morte não fora meramente sim, vontade de matar, pois, independente do crime cometido barbárie (PANORAMA, 1977).

Segundo Sá, “Clarice parece querer recuperar o ato de escrever, a posição fundamental da carência humana, em toda (130).

Em sua despretensão, ao escrever para esvaziar-se e, si nos presenteou com sua literatura reveladora do ser, da vida, e dúvidas existenciais, dos conflitos humanos, femininos, automatização, produzindo arte que não passa despercebida e de seus livros inalterado por eles.

3 AS MULHERES DE CLARICE LISPECTOR

Duas mulheres: Ana, mãe, esposa e dona de casa de classe média, com grandes problemas, um marido decente e filhos que não decem a ser; G.H., mulher solteira e independente, classe média, artista, com um histórico de relacionamentos estáveis e sem grandes problemas comparadas às realidades de milhões de outras, abundam personagens que encontram, por diferentes motivos, na mesma condição: não são as mesmas, se sentem angustiadas por uma sensação de vazio, e não sabem o que elas sabem bem o que é - “o problema sem nome”, como é mencionada no primeiro capítulo.

O que poderia faltar nas vidas - quase - perfeitas e pré-fabricadas das brancas de classe média? Por mais incrível que possa parecer, a escolha. Ana e G.H., mulheres, que como muitas outras em sua época são prisioneiras de si, de sua condição feminina.

Ainda que as personagens de Lispector aqui trazidas tenham destinos diferentes em suas vidas, tanto no que diz respeito à carreira quanto à vida pessoal, elas, de sua própria maneira, se aprisionaram e foram aprisionadas pelo pré-definido do que é ser mulher e de como existir: por quais caminhos poderiam navegar? E seriam esses destinos significativos o suficiente para proporcionar uma experiência completa? Ou talvez a inquietude que Ana e G.H. sentem seja justamente esse lembrete de que uma vida pré-fabricada não é suficiente.

3.1 ANA

Um cego na parada do bonde mascarando chicletes. Ba enquanto ia para casa depois de ter comprado os ingredientes Ana receberia visitas naquela noite - para que algo inesper verdade, durante a “hora perigosa do dia”, aquela parte do dia se findavam temporariamente - as crianças já estavam na escola arrumada -, talvez qualquer coisa afetasse Ana de maneira imprevisível assim.

O conflito de Ana surge quando ela desperta para o sentido do cego lhe causa. “Olhar para o que não nos vê” (p. 19) perceber o absurdo que envolve toda a existência e, diante do é livre, então. E foi esse sentimento de liberdade a partir do encarar sua crise a qual tentara diariamente evitar a qualquer durante a hora perigosa do dia. Mas o cego mascarando chicletes

Partindo desse inusitado encontro, Ana se depara em sensações: ela percebe tudo ao seu redor com mais intuito, se a vida que a rodeia e perde a descida do bonde. Ao saltar afoba alguns instantes, saber ao certo onde estava, Ana, finalmente Jardim Botânico, onde todas as cores, cheiros e texturas pr Sentimento que a fez pensar em sua juventude, quando ainda quando costumava sentir “uma exaltação perturbada que ta

daquele dia já estava por acabar e nada lhe afetaria mais e, guarda: “um vento mais úmido soprava anunciando, mais que instável. Ana respirou profundamente e uma grande aceitação mulher.” (p. 19).

Ora, o ‘ar de mulher’ que se ocupou do rosto de Ana talvez, o semblante de contentamento, passividade, delicadeza das mulheres. Dóceis, contentadas, compassivas, maternais, santas.

Como discutido no capítulo anterior, os textos de Clarice dialogam com outros textos, inclusive, muitas vezes com a Bíblia. A associação entre Ana, no seu papel de mãe e esposa dedicada aqui é clara: ao voltar pra casa, pra sua vida de “santa”, Ana se encaixar-se de novo naquela vida, pois o cego havia lhe despejado humanidade; deveria negar a verdade recém-descoberta no Jardim da vida doméstica santificada. Espantada pelo turbilhão de sentimentos que ocorriam e sem saber como voltar ao que era, Ana se dera com contentamento antes de provar o sabor da vida recém redescoberta: “um santo que uma pessoa!” (p. 25).

O Jardim, elemento muito presente na literatura de Lispector, ao Jardim do Éden e a descoberta da verdade, ao pecado original, ao fruto proibido, descobriu as verdades da existência, assim como a verdade após se deparar com o cego - o cego talvez tenha sido

Ao encontrar o cego e render-se ao que viera em seguida

pulsão de vida, com a busca pelo primário, pela origem das coisas, pela existência; um retorno ao começo, à terra, ao animalesco, à pulsão de vida.

Voltemos ao cego e ao sentimento de liberdade que ele encontrou a despertou para o sentimento de liberdade, o que, em sua rotina doméstica, talvez. Seus papéis de mulher: mãe, esposa, a vida de Ana, dedicação completa e contínua à família. Ora, mas

No fundo, Ana sempre tivera necessidade de um lar perplexamente lhe dera. *Por caminho mulher, com a surpresa de nele caber como se quem casara era um homem verdadeiro, verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe Dela havia aos poucos emergido para descolher a vida: abolindo-a, encontrara uma legião de pessoas como quem trabalha – com persistência, com Ana antes de ter o lar estava para sempre perturbada que tantas vezes se confundira com a troca algo enfim compreensível, uma vida escolhida. (p. 18) [grifos meus].*

Como discutido no primeiro capítulo deste trabalho, a arte de mulheres, desde a infância, aos afazeres e ao ambiente do coletivo (e, claro, no imaginário das próprias mulheres) a ideia de fato, seu destino e sua realização como indivíduos. Tal imposição

escolhas, envolve uma certa solidão e autonomia sobre si. Est mesmo.

Ana encontrou a estabilidade, característica muito cara nossa espécie, na vida doméstica pois, por conta das limitações época (o conto foi publicado em 1960), não haveria, talvez dificuldade para estudar, escolher carreira e encontrar emprego a impossibilidade de adquirir bens materiais (casa, carro) sem o julgamento social, a ausência de liberdade ao decidir sobre familiar, fatores que não davam às mulheres muitas possibilidades escolha “tradicional” de esposa e mãe.

Enquanto a vida doméstica pode, sim, ser plenamente satisfatória e não deveria haver julgamento nenhum quanto a isso, impedir que as mulheres se encaixem nesses papéis e assumir que esses são os únicos papéis possíveis para indivíduos é, no mínimo, desumanização do ser feminino. Ana, talvez, fosse, sim, realizada em seu papel de esposa e mãe, a sorte de ter uma boa família a qual amava. Porém, ao que parecia sua vida fosse apenas isso. Ana sentia falta de algo a mais, além disso, quando a vida doméstica lhe faltava - “a hora perigosa de encarar a realidade: sem seus afazeres, ela, talvez, não soubesse

Ana, ao que tudo indica, escolhera, sim, o homem com quem se casou por livre e espontânea vontade. No entanto, qual a alternativa a qual não lhe restam outras alternativas senão aquela?

A discussão sobre a felicidade é muito presente na obra de Clarice Lispector. No livro publicado, *Perto do coração selvagem* (1943), Joana, a filha de Ana, pergunta a sua professora, quando ainda criança, o que aconteceria depois de morrer. A pergunta se repete, sob várias formas, ao longo de sua obra, porém, nunca é dada uma resposta definitiva. Talvez Clarice não soubesse a resposta e, por isso, repetisse a pergunta com a esperança de, um dia, ter algo satisfatório a dizer - aos seus leitores. Ela também não soubesse a resposta e, por não saber o que fazer, substituí-la pela estabilidade e certeza da vida doméstica. Para ela, a busca por respostas e verdades da existência é um sentimento insatisfeito. As mitologias, fábulas, meias-verdades que possam nos proporcionar algum alívio ao ter nossos questionamentos respondidos, mesmo que seja uma necessidade por certezas nos faz aceitar mentiras palatáveis e a verdade indigesta rejeitada por Ana talvez fosse a de que a vida não lhe era suficiente, ela precisava de mais para se sentir completa. Ela quer ser mulher - ou homem -: o que, de fato, ansiamos é ser gente. Queremos ser volátil, impermanente, intensa, que sente com vividez cheiro, cor, gosto. Queremos chorar, criar, cantar, dançar, sem culpa ou vergonha, livres. Talvez Ana não soubesse a resposta.

A plena aceitação da performance dos papéis sociais e a falta de questionamento, deixa pouco ou nenhum espaço para que identifiquemos os indivíduos; quando não se pode escolher genuinamente o que lhe é oferecido como o que se deve ser, talvez sempre

atacadas em seus perfis por pessoas que tentam convencê-las de que elas jamais se sentirão plenamente felizes e realizadas sem a maternidade. A constante perseguição política aos direitos das mulheres, por exemplo, afirmam, nas entrelinhas, que ser mãe é função e obrigação. Sem apoio social, são elas que, majoritariamente, têm que sacrificar a carreira, a vida financeira, a vida social, para desempenharem o papel solitário de mãe.

Ainda perturbada pela experiência que apenas tivera, Ana pensou: “a vida é horrível”, mas ela já estava seduzida e havia sido convencida a “viver”. Sentiu vergonha, mas não sabia de quê.

Enquanto preparava a casa e o jantar para receber os convidados, Ana começou a perceber a vida acontecendo ali também, ao seu redor. Os insetos - e sentiu horror. Talvez percebesse que não haveria mais vida que alimentava a sua própria vontade de viver: “O mesmo silêncio na cozinha. (...) Ao redor havia uma vida silenciosa, lenta, insistente.”

Fez o jantar, recebeu os irmãos, as cunhadas e os sogros. Ana admirou sua família, o contentamento e simplicidade de todos. Quando a borboleta, Ana prendeu o instante entre os dedos antes que ela voasse. Provavelmente sentiu medo de perder essa vida a qual ela se havia condicionado e convencida a querer e que havia também aprendido a amar. Àquele momento para que a memória do mesmo contrabalanceasse. Quando os convidados foram embora e Ana e sua família se prepararam para dormir, observava a cidade pela janela, ela ainda se questionava se a

O matrimônio e maternidade compulsórios, que são, a partir de certas performances de gênero, frequentemente colocam mulheres em situações tendo que escolher entre seus projetos pessoais - planos e cardeais - e a realidade construída. A inequidade social, política e econômica entre homens e mulheres, a misoginia e a sociedade patriarcal, muitas vezes, condenam as mulheres a partes de sua própria identidade, partes essas que seriam essenciais para a existência humana na Terra, em prol do cumprimento de seus papéis de gênero. Essa é a essência dessa de reduzir um ser humano a sua função social e condicionar a capacidade de cultivar o bem-estar alheio, ainda que esse outro seja fruto de sua própria existência.

Convencer as mulheres que elas só serão realizadas e felizes se estiverem no ponto de não serem capazes de enxergar sucesso fora dela e fazerem parte dela é, inquestionavelmente, uma das estratégias sociais e capitalistas para a manutenção do lucro, do sistema de classes e da dominação masculina a partir do incansável ventre feminino reprodutor, se mantendo a estrutura da burguesia.

Silvia Federici, em seu já mencionado livro *O ponto zero*, discute que “movimento WfH⁶ identificou a “trabalhadora doméstica” como a base da organização capitalista de produção” (p. 32). A negação da existência da trabalhadora doméstica junto com a tomada de consciência e unificação da classe trabalhadora são as maiores ameaças ao capitalismo.

3.2 G.H.

G.H. é uma mulher de muitos privilégios: mora em uma casa própria, é financeiramente independente, trabalha com o que quer e quando quer, pode viajar sozinha. Solteira, sem filhos, independente, bem posicionada socialmente, sua performance feminina na segunda década do século passado é um exemplo de romance, quando o ideal feminino ainda era, majoritariamente, associado à casa, assim como Ana.

G.H., porém, não caiu em nenhuma das prisões às quais as mulheres eram (e não são) as únicas performances aprisionantes que existiam. G.H. se fez prisioneira de outras imposições relacionadas à beleza, deixou convencer pela necessidade da beleza, pela importância

A beleza é, pois, uma grande preocupação feminina. O mercado mundial de cosméticos foram avaliadas, em 2023, em 1,2 trilhões de dólares (COSMOPROF, 2024); já as empresas do ramo de moda, no mesmo ano, foram avaliadas em mais de 57 bilhões de dólares. Ressaltar que o público alvo de ambos os mercados são, majoritariamente, mulheres. Os valores de mercado de tais indústrias e serviços, que têm um crescimento nos próximos anos, pode-se perceber o quanto importante é ser bonito para a sociedade. Ser bonita é uma “obrigação” feminina. O escritor brasileiro, disse no poema “Receita de mulher”:

que talvez esteja voltando) até o etarismo que mulheres mais velhas merecem, quanto mais bela e dentro do padrão de beleza vigente a mulher, mais respeito ela merece. A busca pelo padrão de beleza, por si só, é uma parte das mulheres se vê presa: dietas, procedimentos estéticos, são sempre, em maior ou menor escala, parte da rotina feminina.

Pois foi, então, na pressão estética que G.H. confinou. O mais importante do que saber quem era, era saber a qual grupo social ela pertenciam: “era o que os outros sempre me haviam visto ser, e eu queria dizer o que eu era” (p. 22). Sua identidade era toda baseada em seu seu comportamento refinado e em seu nome: G.H. era G.H. “a

Sua obsessão pela forma e aparência das coisas faz da escultura o seu único dom. Foi por sua obsessão pela forma das coisas que G.H. colocou em suas mãos o controle de dar forma ao barro, de organizar a matéria para ser agradável. Assim fez também com sua vida, sua casa, seu comportamento: tudo a respeito de G.H. transita em torno do domínio da

A mera preocupação com a aparência das coisas pode ser uma obsessão na percepção das mesmas. G.H., de quem não sabemos nada, não se contentava também em saber de si e dos outros somente o que era visível das existências, tudo que, propositadamente, fazemos visível para os outros olhos. De si, G.H. não sabia muito. Ela sabia a qual grupo pertencia e a qual da imagem construída:

mesma: o cuidado com a aparência, com o que é visto pelos outros, enquanto que a feiura do interior - inacessível para quem espreitava - como faziam em seu prédio, G.H. fazia em si mesma: recusava-se a si e nos outros; tudo precisava ser organizado, agradável, “pré-clímax”, como se a vida estivesse sempre a um passo de acontecer.

O pré-clímax foi talvez até agora a minha existência.
(...)

Um passo antes do clímax, um passo antes da vida - chama amor. Um passo antes de minha vida - contrário, eu não transformava em vida; e talvez (25, 26)

O quarto da empregada era feio. Ali dentro se concentrava a feiura do apartamento de G.H.: os móveis eram velhos e desgastados pelo sol escaldante que batia no quarto, que não tinha cortinas; as paredes eram velhas e empoeiradas; as paredes tinham rachaduras. Pois encara pouco a pouco, encarar sua própria feiura. E esse encontro no prédio, do quarto da empregada, da barata - foi o que também foi com o que entendeu como vida.

G.H. era uma mulher fácil, uma mulher que não incomodava seus parceiros afetivos, nunca lhes causara problemas, os terminados foram amigáveis, não competia por espaço, estava contente

ensinado e, posteriormente, delas é exigido um certo silêncio. Elas reclamam e contestam ao invés de aceitar, que exigem ao invés de ocupar espaço no mundo e lutam por ele, geralmente, são punidas pelo preconceito, seja com violência, seja com o retrocesso nos valores. As punições aplicadas às mulheres são várias, como já foi discutido no primeiro capítulo.

G.H. era uma cópia de uma imagem pré-fabricada do que os homens e seus pares, por isso, pertencer lhe era caríssimo. Ao falar de seu apartamento, ela diz:

O apartamento me reflete. (...) Tudo aqui é a reprodução de uma vida que nunca existiu em parte alguma. É uma obra de arte artística. (...)

Tudo aqui se refere na verdade a uma vida que eu nunca tive. Eu deixo decalca ela, então? Real, eu não a entenderia, eu sou uma *cópia é sempre bonita*. (...) Decalcar uma vida que não é exatamente por essa vida não ser minha: ela não é minha. (28) [grifos meus]

Mais adiante, ela completa: “Enquanto eu mesma era, não sou mais do que uma réplica bonita. Pois tudo isso é o que provavelmente me tornou. Escolheu a escultura também por gostar de copiar.

O desconforto que o quarto causou em G.H. era também a vontade de matar, de dar fim ao que estivesse ali - ela, que estava tão perturbada pelo encaramento do quarto, essa parte da vida que ela não queria mais. Ela não pode finalmente encontrar

cascada, tudo ali era tão vivo quanto - ou até mais vivo que - a apartamento. Havia feiura no mundo, na vida e em si mesma.

O feio, porém, tão cheio de vida, começou, pouco a pouco para alguém que vivia de aparências, permitir-se a feiura era barata. Mais ainda, pelo assassinato da barata. Entregar-se esmagar a barata encheu G.H. de potência. Ela reconheceu sua aprazível, educada, elegante, bela. Ela sentiu medo, nojo, sentimentos que evocam à humanidade perdida dentro de si, sentiu vontade de matar. Ao encontrar essa parte de si capaz de poder desabrochar. Regozijou-se. Talvez tenha, finalmente, se tenha se sentido aliviada por, naquele momento, não precisar de atrocidade que lhe ocorresse, sem julgamentos. Estava sozinha que pudesse ver sua feiura. Depois, se quisesse, poderia simplesmente Ou assim pensara. Mas, assim como Ana, uma vez que G.H. p e viva, não quis abandonar tão facilmente a nova face de si de sentimento, ainda que tivesse medo do que seria a partir dali, n

Quando G.H., antes de dar o segundo golpe na porta do para a barata, percebeu o rosto da barata, ela percebeu a vida:

Ali estava eu boquiaberta e ofendida e recuada olhava. Toma o que eu vi: pois o que eu via era tão espantado e tão inocente, o que eu via era a

ressurreição e, finalmente, a glória. G.H. faz sua própria via onde, ao abandonar a necessidade da beleza, seu antigo e autodescoberta, para, só então, renascer, ao se reconhecer feita barata, feita da mesma matéria pura que compõe tudo. Ela é que ocupa toda a vida, essa matéria neutra, sem forma, feia, in todas as coisas e, perceber e reconhecer isso, se torna sua glóri

Além da referência à paixão, Clarice associa o imundo na Bíblia, Deus proibira que certos animais, considerados consumidos por seus seguidores. G.H., ao acessar o imundo, pela proibição, assim como Eva, ao comer a maçã. O proibido

Eu estava sabendo que o animal imundo da B
raiz - pois há coisas criadas que nunca se en
momento em que foram criadas, e somente el
completa. E porque são a raiz é que não se po
- comer a matéria viva me expulsaria de um p
sempre a andar com um cajado pelo deserto. M
cajado pelo deserto.

Pior - me levaria a ver que o deserto também é
está vivo e é feito do mesmo.

Para construir uma alma possível - uma alm
cauda - a lei manda que só se fique com o
manda que, quem comer do imundo, que o c
imundo sabendo que é imundo - também saber

então, ser livre para viver o que acredita ser sua própria verdade.
libertação de G.H.

No entanto, sentir-se preso a padrões existenciais de pessoas, não somente mulheres - de todos os indivíduos, homens e mulheres - a cumprir seus papéis sociais pré estabelecidos pela cultura vigente. Alguns são comuns para um grupo do que para outro. A prisão de G.H., não é a busca pela beleza, pelo aprazível, pelo satisfatório. Ainda que alguns valores de gênero comuns às mulheres de sua época, ela ainda cumpre o papel de uma mulher: passividade, calma, beleza, delicadeza, fragilidade. Ela vê o quarto e da barata, a brutalidade do desejo de matar e da execução, o matado uma simples barata - e o nojo e absurdo ao consumir a barata. Ela libertado de suas amarras identitárias, pois, naquele fatídico dia, não foi o que era esperado dela, mas, sim, agiu conforme seu eu mais profundo.

G.H. descobriu também que a vida acontece no momento presente e que uma existência organizada e planejada, como a que ela tinha, não é uma experiência de vida tão genuína, pois a vida não é premeditada. A necessidade de ordem, sua antecipação do futuro, sua pressa em fazer o que era esperado, a impediam de viver o presente, de viver onde a vida acontece. Milhões de anos vieram antes de si e outros milhões ainda virão. O presente e a verdade da vida está em vivê-la em seu estado presente. A trajetória é a própria vida, o futuro é nada mais que a experiência vivida, fabricada, ensaiada e repetida - copiada - nos impede de acessar a vida real.

não tinha uma forma pré definida: era responsabilidade suas escolhas e errar, encarar o tédio, o prazer, a alegria e a dor da vida em qualquer momento que lhe ocorressem; enquanto vivesse de planejar e esperar pelo belo e pelo aprazível, perderia o que é, de fato, belo na vida que percorre entre o nascimento e a morte. E esse caminho se torna mais seguro se não possa segurar a mão de alguém, como G.H. teve que, metaforicamente, fazer em seu relato. Cada caminho é único, pessoal e solitário.

4 CONCLUSÃO

Este trabalho foi desenvolvido com o intuito de analisar a construção dos papéis sociais de gênero e como a imposição de performances poderiam impactar a vida e a realização pessoal do sexo feminino.

Como debatido no primeiro capítulo, a existência feminina vem sendo moldada durante séculos por instituições de poder. A Mídia - a fim de formar mulheres que atendessem às demandas capitalistas. Para tal, foi feito uso de manipulação emocional, física, psicológica e patrimonial, alienação feminina - tanto no mercado de trabalho e instituições de ensino -, doutrinação familiar e papéis determinados como femininos - cuidado com o lar e filhos, direitos políticos, sociais e reprodutivos, além do controle econômico nas escolhas e nos espaços que se pode ocupar, as mulheres, não livres para fazerem uma única escolha em suas vidas: ceder à obrigação de cumprir seu “dever” de mulher ao se casar, tornar-se mãe e dedicar-se ao casamento e da vida familiar. Aquelas que se recusam a fazer isso sofrem tipos de punição social: disparidade salarial, preconceito, impossibilidade na aquisição de bens, exclusão do meio político e feminicídio.

Para exemplificar os efeitos dessas imposições sociais

uma vez que expõe as situações pelas quais mulheres passam em suas vidas, seus vazios existenciais, suas dores e abandonos, suas abdições, entre outras coisas vividas pela parcela feminina da população, especialmente as minorias, ainda que vista pelo cânone intelectual masculino como de menor valor literário, é uma escrita empoderadora para as mulheres marginalizadas e ignoradas na sociedade. Falar sobre a vida e o engajamento sócio-político.

Outro fator importante para as escolhas das personagens e das escolhas que ambas fizeram em suas vidas: Ana se casou e ficou solteira, sem filhos e independente financeiramente. Usar essas histórias diferentes serviu para debater que, ainda que mulheres tracem suas próprias vidas, as imposições sociais de performance de gênero fazem com que exista alguma realidade limitada. Ainda que G.H. e Ana não comparem suas escolhas de vida, ambas eram prisioneiras de seu gênero e as limitações sociais faziam sentir que havia em si um vazio a ser preenchido, algo que elas buscavam, mas não o fato, felizes e realizadas como indivíduos. O questionamento das estruturas que enfrentam denuncia como uma existência pré-fabricada não permitindo o desenvolvimento pessoal do ser humano no mundo.

Um terceiro fator na escolha dessas obras é o fato de serem escritas em um período. Apesar de terem sido escritas e publicadas em meados do século XX, elas não teriam mudado desde então, alterações sociais e culturais levadas em consideração plenamente, e mesmo que, hoje em dia, as mulheres tenham

governo incluem o retrocesso em direitos reprodutivos femininos e LGBTQIA+ espaço. Nos EUA, por exemplo, Donald Trump, primeiro presidente republicano condenado por crimes cometidos⁸ foi eleito pela segunda vez em 2020, enquanto a então vice presidente Kamala Harris, uma mulher negra com uma história de luta para grande parte da população estadunidense, um homem branco e heterossexual é uma escolha melhor para a presidência do país do que uma mulher negra e LGBTQIA+ “your body, my rules”⁹ ganhou enorme espaço na internet, se tornou uma expressão estavam extasiados pela redução dos direitos reprodutivos femininos e LGBTQIA+ legal e seguro - direito esse que vem sendo revogado em vários estados.

É claro que performances de gênero não são impostas apenas às mulheres, homens também são impostos papéis sociais determinados por normas de gênero. Como homens os principais detentores do poder na sociedade, ainda assim, devido à performance de gênero, o prejuízo sofrido por eles é maior do que das mulheres, uma vez que, quase sempre, cabe a eles a manutenção das normas sociais e de poder. O machismo afeta a todos nós, homens e mulheres que são condicionadas socialmente a servir e amar seus superiores, enquanto as mulheres que são vistas como mulheres, não como seres humanos. O masculino é a regra, o feminino é a exceção, é o outro.

Conclui-se, portanto, que existências moldadas por papéis de gênero determinados para atender às instituições de poder e normas de gênero são vidas daqueles que são socializados a cumprir tais imposições. A vida humana é muito mais ampla e diversa do que nos é permitido experimentar.

nosso sexo e conseqüente gênero, não seremos plenamente livres de nossa existência.

A imposição social da performance de gênero é uma que controla os indivíduos sem que esses percebam a dominação em muitos casos. A necessidade de pertencimento e aceitação é uma característica humana, uma vez que somos animais sociais e não que vivamos em grupos. No entanto, a limitação imposta por esse como padrão, ainda que promovam esse pertencimento, desimpede de construir para si uma realidade que atenda suas demandas.

A impossibilidade de fazer nossas próprias escolhas, não exclusivamente nossos desejos, personalidade, planos, ideologias, nos torna infelizes e frustradas de um ideal humano que só existe na mente. Precisamos de mais: de liberdade para traçar seus próprios caminhos e culturais para tal.

No caso das mulheres, em específico, as imposições sociais são mais cobradas e limitantes, uma vez que a sociedade vem sendo moldada para ter suas próprias necessidades atendidas - não só necessidades pessoais, mas também de reprodução. Isso faz com que mulheres sejam obrigadas ao sexo, independente do quanto tentem escapar dessa prisão e simplesmente existir.

A nosso próprio modo, somos todas Anas e G.H.s, empenhadas no sexo, por nossa culpa, por nosso amor, por nossa busca por

ANEXOS

ANEXO 1 - Capa da edição 2417 da revista IstoÉ, public



ANEXO 2 - Capa da edição 2601 da revista IstoÉ, public



REFERÊNCIAS

- ANDRADE, C. D. Visão de Clarice Lispector. In: _____. *Dis...*
sombras. São Paulo: Companhia Das Letras, 2014.
- BEAUVOIR, S. de. *O Segundo sexo*. Tradução Sérgio Millet.
Fronteira, 2019.
- BORN naked. Intérprete: RuPaul e Clairy Browne. In: Born N
RuCo, 2014. 1 CD, faixa 10.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da*
Aguiar. 21 ed. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2021a.
- BUTLER, J. Os atos performativos e a constituição do gênero:
fenomenologia e teoria feminista. Tradução Jamille Pinheiro D
2018. Disponível em <https://chaodafeira.com/catalogo/caderno>
- CANDIDO, A. No raiar de Clarice Lispector. In: _____. *Vár...*
Duas Cidades, 1977.
- CHADE, J. Em Haia, denúncia contra Bolsonaro ganha força e
25 abr. 2023. Disponível em
<https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2023/04/25/em-ro-ganha-forca-e-mobiliza-investigadores.htm>. Acesso em 17 m
- COSMOPROF. The global beauty industry: the markets to mo
Cosmoprof, 13 maio 2024. Disponível em
<https://www.cosmoprof.com/en/media-room/news/the-global-beauty-market-to-monitor-in-the-next-future/#:~:text=The%20global%20cosmetology%20market%20is%20projected%20to%20reach%20a%209%25%20annual%20growth>. Acesso em 15 ago 2024.
- FEDERICI, S. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação*
Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.
- FEDERICI, S. *Mulheres e caça às bruxas: da idade média aos*
Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019a.
- FEDERICI, S. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico*
Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019b.
- FRIEDAN, B. *A mística feminina*. Tradução Carla Bitelli e Flá

LINGUISTA analisa capas de "Isto É" com Dilma Rousseff e J. Paulo, 1 nov. 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/v>
Acesso em 17 maio 2023

LISPECTOR, C. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco

LISPECTOR, C. Amor. In: _____. *Laços de Família*. Rio de J

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos F*
22(3), p. 935-952, set-dez, 2014.

MORAES, V. de. Receita de mulher. In: _____. *Novos Poemas*
1959. Disponível em:

<https://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-av>
em 20 jul 2024.

OBSERVATÓRIO de Igualdade de Gênero da América Latina
feminidade da pobreza. ONU, 2019. Disponível em

<https://oig.cepal.org/pt/indicadores/indice-feminidade-da-pobr>

PANORAMA com Clarice Lispector. Entrevistador Júlio Lern

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ohHP112E>
2022.

PEREZ, C. C. *Mulheres invisíveis: o viés dos dados em um mu*
homens. Tradução Renata Guerra. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2

SÁ, O. de. *Clarice Lispector: A travessia do oposto*. São Paulo

SAMPAIO, C. Após dois anos de condenação, TRF-2 extingue
pedaladas fiscais. *Brasil de Fato*, Brasília, 22 mar. 2022. Dispo

<https://www.brasildefato.com.br/2022/03/28/apos-dois-anos-de>
ao-contra-dilma-por-pedaladas-fiscais#:~:text=O%20Tribunal%

a,em%202020%20por%20pedaladas%20fiscais. Acesso em 17

SCHMITZ, A. Mortes violentas de LGBTQ+ Brasil: Observatór
2022. CEDOC Grupo Dignidade, 19 jan. 2023. Disponível em

<https://cedoc.grupodignidade.org.br/2023/01/19/mortes-violen>
do-grupo-gay-da-bahia-2022/. Acesso em 20 jul. 2023

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In
Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Organização F

Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

WORLD Health Organization. Violence against women prevalence
fact sheet. World Health Organization, 2021. Disponível em
<https://apps.who.int/iris/handle/10665/341604>. Acesso em 23 j